

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
BACHARELADO EM JORNALISMO

NATALIA DUZZO HENKIN

**JORNALISMO E EDUCAÇÃO: UMA ANÁLISE DO PORTAL NEXOEDU**

PORTO ALEGRE

2019

NATALIA DUZZO HENKIN

**JORNALISMO E EDUCAÇÃO: UMA ANÁLISE DO PORTAL NEXOEDU**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

**Orientador:** Prof. Dr. Basílio Sartor

PORTO ALEGRE

2019

## CIP - Catalogação na Publicação

Duzzo Henkin, Natalia  
Jornalismo e educação: uma análise do portal  
NexoEdu / Natalia Duzzo Henkin. -- 2019.  
86 f.  
Orientador: Basílio Sartor.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade  
de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Jornalismo,  
Porto Alegre, BR-RS, 2019.

1. Jornalismo.. 2. Educação.. 3. Jornalismo  
explicativo.. 4. Webjornalismo.. 5. Jornal Nexo.. I.  
Sartor, Basílio, orient. II. Título.

NATALIA DUZZO HENKIN

JORNALISMO E EDUCAÇÃO: UMA ANÁLISE DO PORTAL NEXOEDU

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Basílio Sartor – UFRGS

Orientador

---

Prof. Dr. Felipe de Oliveira – UFRGS

Examinador

---

Prof. Dr. Marcelo Träsel – UFRGS

Examinador

## AGRADECIMENTOS

Tão difícil quanto foi escrever este trabalho talvez seja preencher essa folha em branco que me encara. Ainda que a escrita seja, muitas vezes, um processo solitário, ela é sempre fruto da troca — bem como nós: somos porque outros são. Certa feita, ouvi de uma amiga que “um mundo é um encontro”. Quantos mundos habitamos ao longo da vida? Quando um começa e o outro termina? Será que terminam? Tenho pensado cada vez mais que não. Habitam eles para sempre em nós, mesmo que sequer nos demos conta.

Os primeiros da minha infinita lista de agradecimentos são meus pais, Rosana e Leo — não poderia ser diferente. E é claro que nunca será o suficiente, mas tentar é o mínimo que posso fazer. Agradeço a vocês, pai e mãe, por terem me dado tudo o que eu poderia precisar e muito mais. Por me amarem e me apoiarem incondicionalmente, desde o momento em que decidiram deixar de ser uma dupla para sermos um trio. Por fazerem, cada um à sua maneira, tudo que estava ao alcance para tornar este momento mais fácil e mais leve para mim. Não posso deixar de fazer um agradecimento especial à minha mãe pelas inúmeras vezes em que deixou de lado seus próprios problemas para dar atenção aos meus; por ler o trabalho, sentar ao meu lado e pensar os próximos passos junto comigo. Pelo cuidado inesgotável. Como disse Patti Smith, o coração feminino é um poço de devoção, e mãe é o maior exemplo disso.

À minha tia Elisa, igualmente incansável em sua dedicação a tudo e a todos, também posso tentar agradecer, mas ela sabe que mesmo as palavras não podem tudo. Obrigada por tudo, por tanto, sempre. À Iara, meu maior exemplo, minha guerreira imbatível, agradeço por estar ao meu lado absolutamente todos os dias, por fazer o possível e o impossível por mim, sem sequer cogitar pedir algo em troca. Minha “vêia”; sem ela, não sou. À minha vó Bertha, a quem também dedico este trabalho, não poderia agradecer de outra forma que não registrando aqui que talvez seja ela a maior entusiasta da educação que já conheci. Seu caráter, sua força de vontade e sua determinação são minha fonte de inspiração diária.

Agradeço, do fundo do coração, às minhas primas Lavínia, Rita e Bibiana, e às minhas tias Flávia e Silvana, que mesmo longe se fazem sempre presentes, me incentivando e me apoiando a cada nova etapa da vida. Agradeço também aos meus primos Marcelo e Rafael e aos meus tios Edy, Ida, Hélio e Géder, os quais sei que torceram muito por mim, e com os quais sei que posso contar sempre que precisar.

Bituca cantou que “amigo é coisa pra se guardar debaixo de sete chaves, dentro do coração”. No meu guardo muitos, muitos amigos, e todos merecem estar aqui. Em especial, agradeço às minhas irmãs do coração, parceiras da vida e que me acompanham seja onde for:

Alice Tessler, Clara Grassi, Luísa Rosa, Juliana Horowitz, Jéssica Menzel, Sofia Tessler e Tatiane Resende. Aos amigos que viveram o trabalho de conclusão de curso junto comigo: Gustavo, Juan, Luana e Nina; que honra compartilhar esse momento com vocês. À Camila, por não ter hesitado em me ajudar quando mais precisei, e por revisar o trabalho para mim. À Dora, que me ajudou a enxergar o tema dessa pesquisa com mais clareza. À Laura, pelos incontáveis passeios, pela escuta sempre atenta. Ao meu amigo Antônio, pelos anos de amizade e confiança, e por me abrir os olhos para tantas coisas. E aos amigos que nos mais diversos momentos estiveram ao meu lado. Um beijo especial para Acauã, Ana, Anna, Brenda, Carolina, Clarissa, George, os Henriques, Iami, Igor, João, Luana, Lúcia, as Luísas e a Luiza, Jéssica, Juliana, Marianna, Marina, Moacir, Pedro, Rafael, Sofia, Taís, Tayhú (entre tantos outros).

À minha psicóloga, Márcia, com quem tanto conversei sobre este trabalho e que me ajudou de tantas formas não só a fazê-lo, mas também a entendê-lo por tudo que ele é. Aos meus professores queridos e sempre tão compreensivos: Ana, Josi e Diego.

Agradeço imensamente à equipe da Secretaria de Comunicação da UFRGS e ao Jornal da Universidade, lugar que transformou minha trajetória acadêmica e me permitiu conhecer uma outra Universidade. Pelo acolhimento, pelo aprendizado e pelas boas risadas, agradeço aos meus colegas Ânia, Antônio, Carolina, Douglas, Édina, Emerson, Everton, Felipe, Fernanda, Flávio, Jacira, Júlia e Karoline. Em especial, à Isabel e à Bárbara, minhas grandes companheiras de JU.

Por fim, agradeço ao meu querido orientador, Basílio Sartor, pelo apoio desde o início desta pesquisa, pela orientação durante os dois semestres de trabalho, e pela tranquilidade e sensibilidade com que sempre me tratou, o que faz toda a diferença em um momento delicado como este. Também agradeço às professoras Ana Gruszynski, Cida Golin e Thais Furtado, à Fabiana Freitas e à Marília Ghërke, mulheres que admiro e com quem aprendi muito ao longo desses anos de faculdade.

*“Viver é um rasgar-se e remendar-se.”*

Guimarães Rosa

*“O mundo não é. O mundo está sendo.”*

Paulo Freire

Aos meus avós: Bertha, Yara e Henrique.

## RESUMO

Esta monografia busca compreender de que maneira os conteúdos oferecidos pelo jornal digital Nexo em seu portal educativo NexoEdu podem contribuir com o ensino escolar. Para tanto, foi feita uma análise de conteúdo de 8 matérias presentes em duas seções do portal: Para a sala de aula e Para pesquisa. Ao longo do estudo, discutimos as aproximações entre jornalismo e educação e a noção de jornalismo como forma de conhecimento, bem como elementos que fundamentam a prática jornalística. Também foram apresentadas características do webjornalismo e do jornalismo explicativo que com frequência aparecem na produção do jornal Nexo. A partir destas características, foram criadas 5 categorias de análise: contextualização, explicação, tratamento de dados, multimídia e hipertextualidade. Com base na análise, pode-se concluir que, por meio destes recursos, os conteúdos do portal NexoEdu examinados podem contribuir com o ensino em sala de aula.

**Palavras-chave:** Jornalismo. Educação. Jornalismo explicativo. Webjornalismo. Jornal Nexo.

## ABSTRACT

This monograph seeks to understand how the content offered by digital newspaper Nexo on its educational portal NexoEdu can contribute to school teaching. In order to reach this goal, a content analysis was made on 8 reports published on 2 of the portal's sections: For the classroom and For research. Along this study we discussed the connections between journalism and education and the notion of journalism as a form of knowledge, as well as elements that ground the journalistic activity. We also introduced features of web journalism and explanatory reporting, which can often be seen on Nexo's news production. From these features, we created 5 categories to analyse the research corpus: contextualization, explanation, data processing, multimedia and hypertextuality. Based on the analysis, we concluded that through these resources the content from NexoEdu portal examined in this study is able to contribute to school teaching.

**Keywords:** Journalism. Education. Explanatory reporting. Web journalism. Nexo newspaper.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Seções do Nexo .....	52
Figura 2 – Seções do NexoEdu .....	54
Figura 3 – Capturas de tela do Conteúdo 2.....	68
Figura 4 –Capturas de tela do Conteúdo 8 .....	70
Figura 5 – Capturas de tela do Conteúdo 1.....	72
Figura 6 – Capturas de tela do Conteúdo 3.....	73

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Seções do portal NexoSdu.....	53
Quadro 2 – Corpus da pesquisa: conteúdos, formatos e seções .....	57
Quadro 3 – Resultados da análise: conteúdos e categorias contempladas .....	60
Quadro 4 – Multimídiaidade: conteúdos e elementos utilizados.....	72

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>2</b>	<b>JORNALISMO E EDUCAÇÃO.....</b>	<b>18</b>
2.1	Educomunicação e a Base Nacional Comum Curricular: o que se espera das escolas.....	18
2.2	O Jornalismo como forma de conhecimento.....	22
2.3	Percursos históricos: a evolução do Jornalismo e da Educação.....	26
2.4	Para que serve o Jornalismo?.....	29
2.5	Elementos do Jornalismo.....	34
<b>3</b>	<b>JORNALISMO DIGITAL E EXPLICATIVO: O MODELO DO JORNAL NEXO..</b>	<b>39</b>
3.1	Características do webjornalismo.....	40
3.2	Jornalismo explicativo.....	44
3.2.1	<i>Características do jornalismo explicativo.....</i>	<i>46</i>
3.3	O Jornal Nexo.....	48
3.3.1	<i>O portal NexoEdu.....</i>	<i>49</i>
<b>4</b>	<b>O POTENCIAL EDUCATIVO DOS CONTEÚDOS DO NEXO.....</b>	<b>50</b>
4.1	Pré-análise.....	51
4.2	Análise.....	59
4.2.1	<i>Contextualização.....</i>	<i>60</i>
4.2.2	<i>Explicação.....</i>	<i>64</i>
4.2.3	<i>Tratamento de dados.....</i>	<i>67</i>
4.2.4	<i>Multimedialidade.....</i>	<i>71</i>
4.2.5	<i>Hipertextualidade.....</i>	<i>72</i>
4.3	Considerações sobre a análise.....	76
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>79</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>83</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Acredito que um dos maiores disparadores desta pesquisa está relacionado a uma característica muito recorrente em minhas escolhas — no caso, justamente a dificuldade em fazê-las. Quando iniciei a faculdade de jornalismo, já trazia comigo um ano de estudos em produção audiovisual, curso no qual me formei em seguida. Passados alguns anos, de volta a Porto Alegre depois de um período fora da cidade, resolvi, em lugar de buscar um estágio em jornalismo e me dedicar à conclusão do curso, tentar a sorte como professora de inglês. Inicialmente, era como se mais uma vez estivesse me distanciando do que inicialmente havia me proposto a fazer; como se me encontrasse sempre entre dois mundos, nem cem por cento lá, nem cem por cento aqui. No entanto, o que percebo agora, e que se reflete neste trabalho, é que isso não precisa ser um problema; pelo contrário, pode ser uma solução.

A aproximação com o campo da educação transformou a maneira como passei a enxergar o mundo e, por consequência, o jornalismo. Aprendizado envolve dedicação, atenção, aprofundamento. É o que se tenta obter de alunos em qualquer sala de aula; é também o que se requer de um jornalista, visto que, muitas vezes, seu papel é mediar: não somente levar a informação ao público, mas explicá-la — o que implica que ele próprio também aprenda, e muito. A isso somou-se uma grande insatisfação com a maneira como se faz jornalismo hoje. Vivemos em um mundo em que novos ritmos e velocidades de produção da informação são estabelecidos de acordo com as inovações tecnológicas (FRANCISCATO, 2005). No contexto jornalístico, isso se concretiza nas coberturas imediatistas, imperativas, de frequência e rapidez inalcançáveis aos olhos, ouvidos e, principalmente, às mentes. Parar e processar informações, muni-las de contexto e de sentido é um desafio não só para quem consome notícia, mas também para quem a produz.

Foi buscando preencher essa lacuna que conheci o jornal Nexo. Há cerca de quatro anos, o veículo vem fazendo um trabalho que se destaca dentro do universo do jornalismo digital. Fora do fluxo intenso e veloz da produção jornalística na Internet, o veículo faz o que chama de jornalismo explicativo, o que significa que suas matérias buscam explicar e interpretar eventos complexos e fenômenos localizados em um contexto social, político e cultural, deslocando a centralidade das pautas de “quem, o que, quando e onde” para “como e por quê” (FORDE, 2007 *apud* HOEWELL, 2018, p. 4). Assim, o Nexo se propõe a trazer contexto às notícias e ampliar o acesso dos leitores a dados e estatísticas.

No ar desde novembro de 2015, o jornal tem sido bem-sucedido em sua proposta, explorando diferentes recursos possibilitados pelo meio digital (como vídeos, infográficos,

mapas, podcasts e reportagens extensas, entre outros) e proporcionando, de maneira muito didática e, em geral, bastante aprofundada, um conteúdo singular e inovador, que permite ao leitor ir além do conhecimento das notícias do dia. A co-fundadora do jornal, Paula Miraglia, afirma que o Nexo não é um jornal de furo, mas sim de explicação, e que por isso não se dedica a cobrir tudo. Assim, são eleitos assuntos que estão em debate no momento, e a cobertura é feita de modo a “recriar uma cadeia de acontecimentos para que o leitor consiga se situar em uma discussão em curso.” (SILVEIRA e SOUZA, 2017, p. 151).

Foi mais adiante, no processo de escolha do tema desta pesquisa, que descobri o NexoEdu, portal criado pelo jornal especialmente para estudantes e professores, com o intuito de proporcionar um local de encontro entre jornalismo e educação — justamente as duas áreas em que tenho atuado e pelas quais venho me interessando cada vez mais. No portal, pode-se encontrar uma seleção de conteúdos produzidos pelo Nexo que abordam temas de provável interesse de alunos de ensino fundamental e médio, desde materiais sobre assuntos da atualidade até aqueles relacionados diretamente ao currículo escolar.

A partir da leitura, na própria página do NexoEdu, de depoimentos positivos feitos por professores e estudantes que o utilizam, percebi que era este o tema que gostaria de estudar: o encontro entre jornalismo e educação. Mais precisamente, a maneira como o jornalismo pode atuar nesse campo, produzindo materiais voltados para a educação, no que diz respeito não apenas às suas pautas, mas também à sua forma, sua distribuição e sua utilização por professores e pelos próprios jovens.

Segundo Robert Park (2008), a notícia deve orientar o homem e a sociedade no mundo real. No entanto, quem se informa através do meio digital muitas vezes tem a sensação de estar perdido em meio a tanta informação — mesmo no caso das notícias de grande relevância, em que é comum que ocorram diversas atualizações ao longo dos dias, o conteúdo não se torna necessariamente mais claro. A ânsia pelo imediato, pelo instantâneo, muitas vezes impede o jornalista de cumprir esse papel de mediação da informação e de orientação do público. Se é finalidade do jornalismo garantir que as pessoas disponham da informação de que precisam para serem soberanas (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004), é necessário pensar maneiras pelas quais o jornalismo pode atuar no sentido de levar aos jovens mais informação, contextualização e reflexão sobre os acontecimentos e operar uma prática jornalística que vá além da cobertura objetiva dos fatos (e que, por que não, possa servir também para uma discussão em sala de aula).

Além do apreço pessoal pelo assunto, o levantamento bibliográfico realizado para o projeto desta pesquisa levou a crer que a produção acadêmica sobre essa relação entre

jornalismo e educação e sobre a função educativa do jornalismo ainda tem muito a ser explorada. Em um momento de profundas mudanças nas lógicas de produção e de consumo da notícia, a reflexão sobre o tipo de jornalismo que fazemos, para que e para quem o fazemos é de extrema relevância. Nesse sentido, o portal NexoEdu se mostrou um interessante objeto a ser estudado.

Segundo Barbero (2011), a informação e o conhecimento constituem, atualmente, o eixo central do desenvolvimento social, atuando como peças fundamentais nos processos de desenvolvimento econômico e de democratização política e social. A escola hoje divide seu lugar de legitimação com os inúmeros canais que, como ela, difundem o saber. Assim, esta pesquisa tem como objetivo compreender de que maneira os conteúdos oferecidos pelo jornal digital Nexo, em seu portal educativo NexoEdu, podem contribuir com o ensino escolar. Para se atingir esse objetivo, será feita uma análise do portal NexoEdu e de alguns de seus conteúdos.

Além deste objetivo geral, foram estabelecidos também alguns objetivos específicos a serem alcançados com esta pesquisa: mapear os tipos de conteúdo (formatos) presentes no jornal Nexo e no portal NexoEdu; analisar a disposição de conteúdos dentro do portal; analisar conteúdos selecionados disponibilizados no portal; identificar recursos de caráter pedagógico no material analisado; discutir o conceito de jornalismo como forma de conhecimento e refletir sobre o papel educativo do jornalismo.

O trabalho está estruturado em três capítulos. No primeiro, é feita uma breve introdução aos estudos em educomunicação, campo interdisciplinar que visa a trabalhar as relações entre educação e comunicação, além de uma discussão sobre o conceito de jornalismo como forma de conhecimento e sobre a função social do jornalismo. Considerando a natureza digital do jornal Nexo, no segundo capítulo são elencadas algumas características e elementos do webjornalismo. É feita também uma apresentação do veículo e do portal NexoEdu, objeto da pesquisa. O terceiro capítulo é o que traz a análise do portal NexoEdu. Após a apresentação e descrição da metodologia escolhida, a análise de conteúdo, são examinados conteúdos de duas seções do portal: *Para a sala de aula* e *Para pesquisa*. Por fim, são feitas as considerações sobre os resultados da análise e as considerações finais sobre o trabalho como um todo.

Acreditamos que este estudo pode abrir portas para posteriores investigações sobre como o jornalismo pode, de maneira prática, ativa, fazer diferença na difícil realidade da educação brasileira, especialmente a pública, que há muito tempo enfrenta inúmeras adversidades, desde a violência e as condições precárias de muitas escolas até a desvalorização de professores e os altos índices de evasão por parte dos alunos. Tendo em vista o ambiente conturbado em que se encontra o país, é urgente que se reflita sobre como o jornalismo pode

seguir cumprindo seu papel de mediador, possibilitando, em especial, ao público jovem, mais informação, contextualização e reflexão sobre os acontecimentos, promovendo o debate plural de ideias e auxiliando na construção do conhecimento e da realidade social.

## 2 JORNALISMO E EDUCAÇÃO

Neste capítulo pretendemos introduzir alguns conceitos relacionados aos campos do jornalismo e da educação, visando a perceber aproximações entre as duas áreas e a discutir não só a noção do jornalismo como forma de conhecimento, mas também sua função enquanto agente educativo.

Primeiramente, para iniciar o debate sobre esse domínio, fazemos uma breve introdução à educomunicação, novo campo inter e transdisciplinar que estuda as interfaces que aproximam comunicação e educação e que “busca pensar, pesquisar, trabalhar a educação formal, informal e não formal no interior do ecossistema comunicativo.” (CITELLI; COSTA, 2011, p. 7).

Em seguida, apresentamos algumas teorias que sustentam a visão do jornalismo como uma atividade que pode estar intimamente ligada ao processo educacional, com base no que defendem o sociólogo estadunidense Robert Park (2008) e o pesquisador brasileiro Eduardo Meditsch (1997), que veem no jornalismo um caráter produtor e reproduzidor de conhecimento.

Em um terceiro momento, resgatamos as origens do jornalismo moderno e os principais acontecimentos que transformaram a imprensa ao longo de sua existência, a partir da obra do teórico português Nelson Traquina (2004). Em paralelo, tendo como referência um artigo das autoras brasileiras Marina Lisboa Empinotti e Rita de Cássia Paulino (2018), são apontados aspectos importantes da evolução da educação que, em certa medida, acompanham aqueles da história da imprensa.

Por fim, estudos dos jornalistas e pesquisadores estadunidenses Bill Kovach e Tom Rosenstiel (2014), assim como dos espanhóis Fontcuberta e Borrat (2006), ajudam a elucidar as finalidades do jornalismo e alguns elementos considerados essenciais à profissão, indissociáveis da boa prática e da ética jornalística.

### 2.1 Educomunicação e a Base Nacional Comum Curricular: o que se espera das escolas

Para começarmos a pensar em aproximações entre educação e jornalismo, optamos por partir de uma perspectiva mais abrangente, trazendo para a discussão as relações entre educação e comunicação. Para isso, introduzimos algumas reflexões sobre as intersecções entre estas duas áreas, objetos de investigação do campo da educomunicação.

A educomunicação, ou educação/comunicação, surge com o objetivo de aprofundar os estudos que relacionam a educação e a comunicação, tendo suas raízes ancoradas, na América Latina, ainda nos anos 1980, a partir do trabalho de pensadores como Paulo Freire, Jesús

Martín-Barbero e Mario Kaplún. Segundo Citelli e Costa (2011, p. 7), ela pode ser compreendida como uma área que se propõe “a pensar, pesquisar, trabalhar a educação formal, informal e não formal no interior do ecossistema comunicativo.” Nessa lógica, a comunicação deixa de ser simples instrumento midiático.

A comunicação passa a fazer parte das dinâmicas formativas, envolvendo desde planos de aprendizagem (como ver televisão, cinema, ler o jornal, a revista; a realização de programas na área do audiovisual, da internet), de agudização da consciência ante a produção de mensagens pelos veículos; de posicionamento perante um mundo fortemente editado pelo complexo industrial dos meios de comunicação. (CITELLI; COSTA, 2011, p. 8).

Em outras palavras, para além de advogar pela introdução dos meios de comunicação e de novas tecnologias nas salas de aula, a Educomunicação se expande para o âmbito comunicativo, que hoje é decisivo em nossa sociedade, constituindo novos “modos de ver, perceber, sentir, conhecer, reorientando práticas, configurando padrões de sociabilidade.” (CITELLI; COSTA, 2011, p. 7).

Nesse contexto, Baccega (2011, p. 32) defende os meios enquanto educadores, constituintes de um outro agente de socialização, de modo que reconhecer seu papel no processo de construção da cidadania torna-se fundamental. Ao aspirarmos a uma harmonia entre mídia e escola, é desse ponto que devemos partir — e, para isso, é preciso aceitar que “a escola já não é mais o único lugar de saber” e que, hoje, esse espaço de legitimação é compartilhado com outros canais que, assim como ela, difundem o conhecimento.

Reconhecendo esta nova realidade, Orozco-Gómez (2011, p. 171) sugere que a escola irá manter sua função de principal instituição educativa, contanto que seja capaz de orientar os diversos aprendizados de seus estudantes.

Em uma nova perspectiva, ela já não seria o centro depositário do conhecimento e do saber, mas teria que se transformar em centro de reconhecimento e articulação de múltiplos conhecimentos e informações que circulam usualmente, para orientar os educandos sobre como associá-los para seus fins de aprendizado. (OROZCO-GÓMEZ, 2011, p. 171).

No mesmo sentido, Gadotti (2013, p. 7) acrescenta ainda que vivemos em uma “sociedade de múltiplas oportunidades de aprendizagem”, o que afeta de maneira profunda o campo da educação. Para o autor, passa a ser fundamental aprender, entre outras coisas, a pensar de forma autônoma, saber se comunicar, pesquisar, ser sujeito da construção do conhecimento e conhecer as fontes de informação (GADOTTI, 2013).

A partir dessas reflexões, reunimos alguns princípios dispostos na Base Nacional Comum Curricular<sup>1</sup> (BNCC), contidos na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996), no intuito de compreender o que tem sido instituído em termos de políticas públicas para a educação na esfera da comunicação. O documento, de caráter normativo<sup>2</sup>, integra o Plano Nacional da Educação Básica e tem por objetivo servir como referência nacional para os objetivos de aprendizagem a serem alcançados nas suas três etapas<sup>3</sup> de formação.

Dentre as competências<sup>4</sup> gerais da Educação Básica propostas pela BNCC, podemos destacar a de número 5:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

Na mesma linha, o documento também traz, na seção que trata do ensino médio, apontamentos sobre o que cabe às escolas para que se formem “sujeitos críticos, autônomos e responsáveis” (BNCC, 2018). Uma das responsabilidades da instituição escolar para que esse objetivo seja cumprido é proporcionar experiências a fim de garantir aprendizagens que possibilitem, entre outras coisas, a leitura da realidade e a tomada de decisões éticas e fundamentadas.

São mencionados ainda cinco campos de atuação social dentro da área de Língua Portuguesa no ensino médio. Um deles é denominado *Campo jornalístico-midiático*, dentro do qual se percebe uma preocupação com a participação dos jovens nas práticas que dizem respeito ao trato com a informação e a opinião.

Para além de consolidar habilidades envolvidas na escuta, leitura e produção de textos que circulam no campo, o que se pretende é propiciar experiências que mantenham os jovens interessados pelos fatos que acontecem na sua comunidade, na sua cidade e no mundo e que afetam as vidas das pessoas. (BNCC, 2018).

---

<sup>1</sup>Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase>. Acesso em: 20. nov 2019.

<sup>2</sup>A aprovação da BNCC se deu em duas partes: em 15 de dezembro de 2017 foi aprovada no Conselho Nacional de Educação (CNE) a BNCC para os ensinos infantil e fundamental; a BNCC para o ensino médio, mais controversa, foi aprovada um ano depois, em 4 de dezembro de 2018. Até 2022, as escolas precisarão adequar seus currículos às novas regras.

<sup>3</sup>A Educação Básica inclui os ensinos infantil, fundamental e médio.

<sup>4</sup>Na BNCC (2018), a palavra *competência* é entendida como “a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho”.

Segundo as diretrizes da BNCC para esse campo, dentre os gêneros que podem ser contemplados em atividades para a sala de aula estão a entrevista, o artigo de opinião, a reportagem e a reportagem multimidiática — sendo a última considerada um gênero mais complexo, relacionado “com a apuração e o relato de fatos e situações.” (BNCC, 2018). Além disso, faz parte do conjunto de habilidades<sup>5</sup> a serem atingidas neste campo:

Acompanhar, analisar e discutir a cobertura da mídia diante de acontecimentos e questões de relevância social, local e global, comparando diferentes enfoques e perspectivas, [...] de forma a aprofundar o entendimento sobre um determinado fato ou questão. (BNCC, 2018).

Por meio dos apontamentos feitos acima, buscamos evidenciar a atenção que teóricos e profissionais do campo da educação e da educomunicação têm prestado à presença maciça dos meios de comunicação e das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) na vida dos jovens. É possível perceber que existe um cuidado no sentido de se refletir sobre os possíveis impactos que essa dinâmica tem gerado ou ainda irá gerar, bem como sobre as adaptações pelas quais as escolas têm passado ou devem passar; no entanto, isso não se dá necessariamente sob um viés pessimista, mas sim de modo a valorizar essas fontes de informação, utilizar-se delas e beneficiar-se do que elas têm a oferecer.

Tendo em vista as considerações feitas sobre a relação da escola com a mídia e, especialmente, sobre o modo como se tem pensado que o sistema escolar deve lidar com os meios e com as TDIC, faz-se necessário refletir sobre como os meios devem se portar nesse contexto. Acreditamos ser igualmente importante analisar essas questões sob outro ângulo, partindo da “outra ponta” que sustenta o campo da educomunicação e tendo os próprios meios de comunicação — mais especificamente o jornalismo — como ponto de partida, não o contrário. Isto é, não delegar apenas à escola a responsabilidade de se preparar e capacitar seus alunos para serem receptores críticos do conteúdo midiático, mas ponderar também o compromisso que a comunicação e, neste caso, o jornalismo, devem assumir com relação à educação em uma sociedade tão midiaticamente saturada.

Esclarecemos que, da pesquisa feita no campo da educomunicação durante a realização deste trabalho, encontramos muito mais reflexões sobre uma das áreas a que esse campo se propõe a estudar (a educação), e não tanto da outra (a comunicação). As necessidades, as adaptações, as responsabilidades, em geral, são pensadas a partir das escolas com relação ao ecossistema comunicativo, e não vice-versa. Com isso, buscamos, no âmbito dos estudos sobre

---

<sup>5</sup> Na BNCC (2018), a palavra *habilidade* envolve práticas cognitivas e socioemocionais.

jornalismo, teorias que auxiliassem no embasamento dessa ideia de uma mídia que, dado seu alcance, não só deve ao seu público um comprometimento com a educação, como também é capaz de produzir conteúdos que tenham caráter educativo. Partimos, assim, para a próxima seção, em que abordaremos a noção de jornalismo como forma de conhecimento.

## 2.2 O Jornalismo como forma de conhecimento

O debate acerca da noção de jornalismo enquanto conhecimento não é recente, e o assunto ainda gera certa controvérsia. Consideramos essa discussão essencial para esta pesquisa na medida em que introduz a ideia de que o conteúdo jornalístico pode oferecer um tipo de conhecimento que, apesar de não atender a critérios que o legitimem enquanto um saber científico, nem por isso deixa de ser uma forma de conhecimento — e se diferencia justamente por trazer uma visão singular da realidade. Optamos por utilizar como referência dois pesquisadores que se destacam na área: o jornalista e sociólogo estadunidense Robert E. Park e o jornalista e pesquisador brasileiro Eduardo Meditsch.

Park (2008) foi o primeiro a analisar a notícia a partir dessa perspectiva (ROSCHO, 1975 *apud* BERGANZA, 2008, p. 23). A partir de uma releitura da distinção entre duas formas de conhecimento proposta por William James (1896), Park busca elucidar que tipo de conhecimento é proporcionado pelas notícias e o que o caracteriza (BERGANZA, 2008). Segundo esta categorização, existem dois tipos de conhecimento fundamentais: *acquaintance with*, que seria a familiaridade com as coisas, e *knowledge about*, isto é, conhecimento das coisas. “Para James (1896, p. 221) estamos ‘familiarizados’ com algo quando o analisamos pouco e apenas percebemos suas relações.” “Ter conhecimento de algo implica um pensamento mais articulado e explícito.” (BERGANZA, 2008, p. 23).

Corroborando o que é apontado por James, Park associa *acquaintance with* ao instinto e à intuição. Impreterivelmente adquirido pelos indivíduos por meio de suas vivências e trocas com o ambiente que os rodeia, este seria um tipo de conhecimento que vem do uso e costume mais do que de qualquer tipo de investigação formal ou sistemática (PARK, 2008, p. 52). *Knowledge about*, por outro lado, é sistemático e considerado formal. Tem base na razão e se dá pela observação dos fatos, é exato, preciso — características essas que alcança “pela substituição de ideias pela realidade concreta, e de palavras por coisas.” (PARK, 2008, p. 55).

Park conclui, contudo, que o fato de serem diferentes não impede que estejam relacionados. Mais do que isso, o conhecimento das coisas não existe sem a intuição, “sem a perspectiva que a familiaridade com as coisas proporciona.” (MAROCCO; BERGER, 2008, p.

24). Com base nisso, o autor propõe a existência de um *continuum*, em cujas extremidades estão esses dois tipos de conhecimento; entre um e outro, podem estar todas as outras formas de conhecimento, entre elas a notícia. Isso porque, como explica Berganza (2008), as notícias não garantem um conhecimento sistemático, como o que caracteriza *knowledge about*, mas tampouco se fundamentam unicamente no instinto.

Esclarecida a proposta do *continuum*, Park parte então para os efeitos que a notícia tem na realidade das pessoas. Alega que a notícia talvez seja a mais antiga forma de conhecimento, tão antiga quanto a própria humanidade, e que, para além dos eventos que registra, o que de fato suscita reflexões e mudanças é aquilo que vem depois. A interpretação desses eventos é o que vai embasar a opinião pública (PARK, 2008). Em primeiro lugar, a notícia não trata de qualquer evento, mas sim daqueles que, quase sempre, “causam mudanças súbitas e decisivas.” (PARK, 2008, p. 65). O fato de serem expostos em jornais ou revistas, por si só, já lhes dá uma dimensão diferente, mas mais que isso, o *modo* como são relatados e como posteriormente repercutem na vida dos cidadãos lhes confere uma nova relevância.

Portanto, parece que a notícia, como forma de conhecimento, contribui a partir do registro dos eventos não só para a história e para a sociologia, mas para o folclore e a literatura; contribui não apenas para as ciências sociais, mas para as humanidades. [...] A questão que a sociologia do conhecimento trata não é o que constitui a validade do conhecimento — da declaração do princípio ou do fato — mas em quais condições diferentes tipos de conhecimento surgem e quais as funções de cada um. (PARK, 2008, p. 65).

Assim, Park conclui que a notícia é uma forma elementar de conhecimento, e defende que ela orienta a sociedade e seus indivíduos, e que, apesar de ser um meio de comunicação menos sofisticado que a ciência, esta não poderia substituí-la.

Mais de 50 anos depois, Meditsch (1997) colabora com o debate argumentando que o jornalismo é uma forma de produção de conhecimento. Dada a complexidade da noção de jornalismo enquanto conhecimento, ele sugere três abordagens para interpretá-la. A primeira tem como base “a definição de conhecimento não como um dado concreto, mas como um ideal abstrato a alcançar.” (MEDITSCH, 1997, p. 2). Foi essa perspectiva que, no mundo moderno, enalteceu a Ciência a ponto de torná-la a única fonte de conhecimento de credibilidade, sendo o método científico o parâmetro de qualidade e validade pelo qual deveria passar qualquer tipo de conhecimento que propusesse uma forma de compreender o mundo. “Toda a tentativa de conhecimento estabelecida à margem deste padrão foi desmoralizada, considerada imperfeita e pouco legítima.” (MEDITSCH, 1997, p. 2). Essa visão não considera o jornalismo um produtor de conhecimento válido – muito pelo contrário: o jornalismo atuaria como um degradador do

saber. Segundo Meditsch, esse ponto de vista vem recebendo críticas, mas ainda encontra espaço na produção acadêmica contemporânea.

A segunda abordagem proposta pelo autor vê o jornalismo como uma ciência, ainda que menos importante, e não o considera um desserviço. De acordo com Meditsch, é onde se encontram as ideias de Park (2008, p. 3), que “começa a definir o Jornalismo a partir do que tem de diferente, do que lhe é específico como forma de conhecimento da realidade.”

Por fim, a terceira interpretação valoriza as características únicas e originais do jornalismo. À luz dessa proposição, a maneira como o jornalismo expõe a realidade não é melhor nem pior do que o modo como a ciência o faz, mas diferente. E é justamente esse seu potencial enquanto produtor de conhecimento: “Ao revelar diferente, pode mesmo revelar aspectos da realidade que os outros modos de conhecimento não são capazes de revelar.” (MEDITSCH, 1997, p. 3). O autor ainda ressalta que, enquanto reproduz de saberes, o jornalismo igualmente atua de maneira diferenciada: reproduz não somente o conhecimento que ele próprio produz, mas também o concebido por outras instituições sociais. “A hipótese de que ocorra uma reprodução do conhecimento, mais complexa do que a sua simples transmissão, ajuda a entender melhor o papel do Jornalismo no processo de cognição social.” (MEDITSCH, 1997, p. 3).

Para Meditsch, o prevaletimento do positivismo, que coloca o conhecimento científico acima de todos os outros tipos de conhecimento, é um dos obstáculos que impedem a consolidação dessa terceira abordagem. No entanto, as próprias ciências sociais, como a Sociologia e a Antropologia do conhecimento, entendem que a metodologia científica não é a única, tampouco a melhor maneira de se construir o conhecimento. O autor argumenta que isso, ao contrário de remeter à “volta do irracionalismo do período pré-Iluminista” (MEDITSCH, 1997, p. 4), revela a urgência de uma Razão mais sofisticada, que abarque as tantas camadas de complexidade do mundo.

Enquanto o positivismo e a teoria moderna carregam em sua essência a negação do senso comum, as ciências humanas, por meio de observações do cotidiano, recuperaram a sua importância. O conhecimento do senso comum é o saber que dividimos com a comunidade, com aqueles que estão presentes em nossa vida cotidiana (BERGER; LUCKMAN, 1966). E o fato de o jornalismo se preocupar com o presente, com o imediato, significa que “opera na lógica do senso comum”, o que se torna uma de suas características definidoras (GENRO FILHO, 1987 *apud* MEDITSCH, 1997, p. 6). Tal característica tanto o fragiliza quanto fortalece: ainda que isso pudesse levar a um questionamento com relação ao rigor do jornalismo,

também é justamente o que ele apresenta de único, é o que o torna produtor de uma forma de conhecimento singular e original.

O modo de conhecimento do jornalismo é frágil, enquanto método analítico e demonstrativo, uma vez que não pode se descolar de noções pré-teóricas para representar a realidade. É forte na medida em que essas mesmas noções pré-teóricas orientam o princípio de realidade de seu público, nele incluídos cientistas e filósofos quando retornam à vida cotidiana vindos de seus campos finitos de significação. (MEDITSCH, 1997, p. 7).

Esses “campos finitos de significação” aos quais Meditsch faz referência são as realidades específicas em que vivemos enquanto indivíduos, realidades cujas linguagens e conhecimentos são reconhecidos e valorizados por determinados segmentos sociais (BERGER; LÜCKMAN, 2013). Elas se encontram dentro de uma realidade maior, dominante, que é a que compartilhamos com o resto da sociedade, é aquela para a qual voltamos depois de um dia de trabalho, por exemplo (o ambiente profissional, nesse caso, seria um campo finito de significação). É na realidade dominante que atua o jornalismo (MEDITSCH, 1997).

Para Meditsch, o jornalismo não é uma “ciência mal feita”, porque não é uma ciência, nem poderia aspirar a ser. Não funciona com base em hipóteses, não realiza experimentações a partir de uma porção delimitada e controlada da realidade. Sintetizando sua ideia, o autor afirma que “por um lado, o Jornalismo como forma de conhecimento é capaz de revelar aspectos da realidade que escapam à metodologia das ciências; por outro, é incapaz de explicar por si mesmo a realidade que se propõe a revelar.” (MEDITSCH, 1997, p. 9).

Por fim, o pesquisador aponta alguns problemas do jornalismo enquanto modo de conhecimento, sendo a falta de transparência um dos principais. Segundo ele, a notícia é apresentada como sendo a própria realidade, sem que se deixe claro quais foram as decisões tomadas pelos jornalistas para que ela fosse construída da maneira como foi. No entanto, este argumento também serve para que ele defenda sua hipótese:

Ao se deixar de considerar o jornalismo apenas como um meio de comunicação para considerá-lo como um meio de conhecimento, estará se dando um passo no sentido de aumentar a exigência sobre seus conteúdos. Conhecimento implica em aperfeiçoamento pela crítica e requer rigor. (MEDITSCH, 1997, p. 11).

Feita esta introdução à noção de jornalismo enquanto forma de conhecimento, damos prosseguimento ao debate apresentando uma retrospectiva histórica que dá destaque a alguns dos principais acontecimentos que aproximam e relacionam o surgimento e o desenvolvimento do jornalismo e da educação.

### 2.3 Percursos históricos: a evolução do Jornalismo e da Educação

O jornalismo, assim como o conhecemos hoje, é fruto de uma série de acontecimentos sociais, políticos e econômicos que, ao longo de seu desenvolvimento, provocaram mudanças extremamente significativas, alterando a maneira como ele é produzido e consumido. Da mesma forma, também a Educação contemporânea resulta de diversas ocorrências que marcaram a evolução das sociedades por séculos. Para melhor compreender o que essas duas áreas representam nos dias de hoje, é importante retomar alguns fatos históricos que tiveram forte influência nas grandes transformações da história moderna.

Segundo Empinotti e Paulino (2018), ambos têm suas primeiras manifestações na Idade Antiga: a educação, na Grécia, onde era amplamente reconhecida; o jornalismo, na sociedade romana, onde surgiram as *actas* romanas, documentos que registravam acontecimentos importantes da cidade, circulavam e eram posteriormente arquivados, permanecendo como registros históricos. As autoras destacam o fato de que a existência das *actas* só foi possível devido ao sistema de estradas e correios, que as distribuíam, e à alfabetização da elite, que era quem as lia.

Foi no século XVII, no entanto, que surgiram os primeiros jornais mais semelhantes aos modelos que vigoram hoje. Kovach e Rosenstiel (2014) afirmam que os primeiros indícios do que viria a ser o jornalismo moderno provêm das conversas em locais públicos, como bares e cafés. Nos Estados Unidos, por exemplo, era comum que viajantes registrassem experiências e informações que traziam de sua jornada em diários de bordo que ficavam guardados nos bares. De acordo com os autores, esses relatos passaram a ser coletados para serem impressos em papel, dando origem aos primeiros jornais do país.

No século XVIII, o modelo absolutista das monarquias europeias ainda vigente começava a enfrentar princípios de resistência. Segundo Traquina (2004), o surgimento dos espaços públicos em capitais como Londres e Paris coincidiu com investidas contra a autoridade das instituições mais poderosas, como a Igreja e governantes absolutistas, protagonizadas pela Reforma Protestante e pela classe burguesa emergente da época. Nesse período começava a luta contra a censura imposta por aqueles que detinham o poder, pela liberdade e, “subsequentemente, pela conquista de uma nova forma de governo: a democracia.” (TRAQUINA, 2004, p. 43). Empinotti e Paulino (2018) ressaltam a efervescência jornalística que acompanhou a eclosão da Revolução Francesa na última década do século, com o fortalecimento da imprensa política frente à crise absolutista. Segundo as autoras, “a Revolução

dissemina novos ideais que marcam a prática jornalística do período: a transparência nos assuntos públicos, a imprensa como ator social central e o contato mais próximo com os leitores.” (EMPINOTTI; PAULINO, 2018, p. 57).

Da mesma maneira, a Revolução Industrial também desempenhou um papel importante no fortalecimento tanto da educação quanto do jornalismo. Iniciada na segunda metade do século XVIII, trouxe inovações tecnológicas e uma nova lógica de produção que exigia dos trabalhadores um nível mínimo de instrução. Isso acabaria por ampliar o ensino básico gratuito e possibilitar a ascensão social e educacional da população. Surgiam, assim, as escolas, espaços criados propriamente para a transmissão do conhecimento. “Na época, o conhecimento, que até então era transmitido oralmente, tornou-se produto de uma instituição específica e de um conjunto de pessoas que se especializou na transmissão do saber.” (EMPINOTTI; PAULINO, 2018, p. 56).

Nesse contexto, a escola passou a se fazer presente da vida dos alunos de duas maneiras: por meio do conhecimento, visto que as fábricas precisavam de operários que soubessem ler, escrever e calcular, e por meio da disciplina, pois uma nova hierarquia se formava e os futuros trabalhadores a deveriam obedecer. Ao mesmo tempo, esse fenômeno repercutiu também na imprensa: um público mais instruído demandava informação de maior qualidade e abrangência (EMPINOTTI; PAULINO, 2018).

Concomitantemente a esse gradual movimento político, outros fatores se articulavam de modo a fortalecer a imprensa e delegar a ela uma função fundamental na sociedade: a de prover informação. Traquina (2004) afirma que três aspectos cruciais devem ser levados em conta na história da evolução do jornalismo na democracia: sua expansão, sua comercialização, que tem início com a transformação da notícia em mercadoria, e a profissionalização dos jornalistas, que acarretou uma nova perspectiva sobre o papel da informação na sociedade democrática.

A primeira fase de expansão do jornalismo se deu no início do século XIX, com a difusão da imprensa, primeiro meio de comunicação de massa. O expressivo aumento do número de tiragens apontava para um crescimento dos jornais, o que resultou em uma emergência do jornalismo enquanto possibilidade de trabalho. Esse processo foi se consolidando ao longo dos séculos XIX e XX, com cada vez mais pessoas se dedicando à atividade jornalística — que, por sua vez, experimentava uma mudança primordial: ao seu público não mais entregava opinião, mas informação.

A profissionalização dos jornalistas desencadeou uma “definição das notícias em função de valores e normas” (TRAQUINA, 2004, p. 33) que anunciava o papel social que a informação

deveria ter — e teria — em uma democracia. Aos poucos, essas transformações estabeleciam o que viriam a ser os princípios e práticas do jornalismo moderno:

Este novo paradigma será a luz que viu nascer valores que ainda hoje são identificados com o jornalismo: a notícia, a procura da verdade, a independência, a objetividade, e uma noção de serviço ao público — uma constelação de ideias que dá forma a uma nova visão do ‘pólo intelectual’ do campo jornalístico. (TRAQUINA, 2004, p. 34).

“Mas... para que servem as enormes tiragens se não houver leitores para os jornais?”, questiona Traquina (2004, p. 39). Segundo o autor, no século XIX foram instituídas as escolas públicas, o que resultou na escolarização das massas e em um crescimento progressivo do número de leitores. Ainda que os formasse de maneira precária, esse processo foi fundamental para consolidar as transformações pelas quais passava o jornalismo. Uma delas foi a mudança do discurso jornalístico, que precisava se fazer mais acessível para atingir um número maior de pessoas. Nos Estados Unidos, o processo de imigração teve um papel fundamental nessa transição: imigrantes sem domínio da língua inglesa desejavam se inserir na comunidade norte-americana, e essa inserção muitas vezes dependia da imprensa. “O jornal se converteu no principal veículo de aprendizagem e de referência cultural para os imigrantes e provia-lhes informações políticas e econômicas que possibilitavam sua progressão social.” (GONZÁLEZ, 1999 *apud* EMPINOTTI e PAULINO, 2018, p. 57).

Até o início do século XIX, partidos políticos eram os maiores financiadores do jornalismo. Em meados dos anos 1830, os jornais passaram a ser vistos como negócios possivelmente rentáveis — a notícia, agora, era mercadoria; e os jornais forneciam fatos, não mais opiniões (TRAQUINA, 2004). *Penny press* foi o nome dado a este novo modelo de jornalismo, que deixaria para trás o cunho político para se tornar informativo — e que, como sugere o nome, era vendido ao baixo custo de um centavo (TRAQUINA, 2004).

A imprensa transformava-se, então, em uma indústria, dona de um produto, a notícia, e de um objetivo: o lucro. Os vínculos políticos já não possuíam tanta relevância, e novos valores eram estabelecidos: o público-alvo dos jornais não eram os políticos, mas os leitores, os cidadãos, que deveriam receber informações “úteis e interessantes, em vez de argumentos tendenciosos em nome de interesses partidários.” (TRAQUINA, 2004, p. 50). Dadas as novas circunstâncias, o aumento da circulação virou uma prioridade. Por meio do baixo custo do produto, aqueles que antes não podiam pagar por um jornal passam a consumi-lo, constituindo uma nova gama de leitores. Segundo Traquina (2004), formava-se uma nova audiência, mais popular, menos elitizada e politicamente mais diversificada.

Esse novo modelo, que evoluiu dentro de um contexto social, político e econômico favorável, fez do século XIX a “época de ouro” (TRAQUINA, 2004, p. 35) da imprensa. Seu avanço “está relacionado com a industrialização da sociedade e com o desenvolvimento duma nova forma de financiamento, a publicidade” (TRAQUINA, 2004, p. 36), que, ao final desse período, representava um importante pilar da economia e encontrava nos jornais um espaço de significativa importância. Avanços tecnológicos como a invenção da tipografia e do telégrafo, por exemplo, modificaram o jornalismo e moldaram o que hoje são características praticamente indissociáveis da profissão, como sua rapidez e seu alcance global. Uma das mais relevantes invenções foi a da câmera fotográfica, que acabaria por dar ao jornalismo seu caráter de “lente”, de reproduzidor da realidade. (TRAQUINA, 2004). Além disso, a urbanização também contribuiu, em parte, com essa primeira grande expansão da imprensa, visto que os jornais eram produtos atrativos para os trabalhadores das grandes metrópoles.

Com o florescimento dessa imprensa comercial e de massas, que se dá em uma sociedade mais democratizada, há uma queda no consumo da imprensa partidária, mais cara e elitista. Os jornais e os jornalistas ficam incumbidos de fornecer aos cidadãos informações para que estes possam analisar e julgar os fatos (EMPINOTTI; PAULINO, 2018) – impõe-se, na segunda metade do século XIX, “uma imprensa predominantemente noticiosa, de discurso acessível, comercialmente agressiva e formalmente independente.” (EMPINOTTI; PAULINO, 2018, p. 58). As autoras destacam, contudo, que para que esse sistema funcionasse, a educação dos envolvidos era uma premissa básica.

Hoje, compreende-se que a ascensão do jornalismo está diretamente relacionada ao surgimento e desenvolvimento das democracias, e vice-versa. Kovach e Rosenstiel (2014, p. 57, tradução nossa) sustentam que, se observarmos o passado, é “impossível separar as notícias da comunidade e, com o tempo, mais especificamente da comunidade democrática.” Segundo Traquina (2004), as conquistas de direitos fundamentais, como a liberdade, foram também, em grande parte, responsáveis pela expansão da imprensa. Embora o jornalismo apresente, em sua história, singularidades com relação às transformações sociais, políticas e econômicas em cada país, ainda assim, seu crescimento está diretamente relacionado ao desenvolvimento da democracia — e é a liberdade, pilar fundamental que ambos compartilham, que legitima a profissão e aqueles que nela atuam.

Pensar em possíveis aproximações entre jornalismo e educação implica refletir sobre a função que a imprensa exerce nas sociedades democráticas, especialmente em sociedades amplamente midiáticas, como são as do século XXI. Segundo Empinotti e Paulino (2018, p. 60), em países mais urbanizados, como o Brasil, “crianças e jovens passam mais tempo em

contato com os meios de comunicação – internet, televisão, rádio, revistas e videogames – do que na escola.” Nesse contexto, não se faz necessário somente pensar na educação para a mídia, isto é, preocupar-se com a recepção das mensagens recebidas pelos jovens, mas também na responsabilidade daqueles que as produzem.

Assim, no próximo subcapítulo serão discutidos alguns elementos fundamentais da prática jornalística, bem como o que dizem alguns autores sobre as finalidades do jornalismo.

#### 2.4 Para que serve o Jornalismo?

Para introduzir a discussão sobre a finalidade do jornalismo, Kovach e Rosenstiel (2014) voltam à Polônia da década de 1980. Sob regime militar comunista, o país sofria com a censura e o controle dos meios de comunicação por parte de um governo autoritário. Anna Semborska, na época uma jovem de 17 anos, costumava ouvir o programa *Sessenta Minutos Por Hora*, que ousava em seu conteúdo de cunho crítico e testava os limites do que era permitido se dizer em público. O programa mostrava que outras pessoas pensavam o mesmo que ela. “Nós sentíamos que, se coisas como aquela podiam ser ditas no rádio, então nós éramos livres”, ela diria em entrevista, anos depois.

Em uma manhã de dezembro, em 1981, Anna ligou o rádio para ouvir seu programa favorito, mas não ouvia nada além da estática. Não conseguia sintonizar nenhuma estação, tampouco o telefone funcionava. O governo militar polonês, cujos tanques patrulhavam as ruas, havia declarado a Lei Marcial, extinguindo o movimento de oposição e grampeando os canais midiáticos. Os poloneses, no entanto, reagiram. Em Swidnik, uma pequena cidade próxima à fronteira tcheca, todas as noites, na hora do noticiário estatal, moradores saíam para passear com seus cães em um pequeno parque no centro da vila. Em Gdansk, as pessoas deixavam suas televisões desligadas próximas à janela, com as telas pretas apontadas para a rua. Em manifestações silenciosas, as comunidades enviavam um recado para o governo: “Nós nos recusamos a assistir. [...] Nós rejeitamos a sua versão da verdade.” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2014, p. 39, tradução nossa).

Logo, surgiria uma imprensa clandestina: com câmeras de vídeo, cidadãos faziam “documentários privados” e os exibiam secretamente em porões de igrejas. Os próprios líderes comunistas identificaram, em seguida, que um fenômeno estava em andamento: o crescimento da opinião pública polonesa. E isso eles não foram capazes de controlar (KOVACH; ROSENSTIEL, 2014).

Como foi mencionado anteriormente, o nascimento do jornalismo como o sabemos hoje está diretamente relacionado com o desenvolvimento das democracias modernas. Um estudo da história permite observar que ambos são praticamente indissociáveis (KOVACH; ROSENSTIEL, 2014). Democracia e jornalismo estão em simbiose, isto é, vivem em conjunto, em uma relação mutuamente benéfica, caracterizando-se como um só organismo. E no núcleo dessa relação está a liberdade (TRAQUINA, 2004). Não é à toa, frisam Kovach e Rosenstiel (2014, p. 45, tradução nossa), que “uma sociedade que quer suprimir a liberdade deve primeiro suprimir a imprensa.”

Após a queda da União Soviética, representantes do movimento pela liberdade consideravam que a chegada de novas tecnologias de informação e o efeito que tinham nas pessoas havia sido, em grande parte, responsável pelo fim do comunismo. Kovach e Rosenstiel (2014, p. 43, tradução nossa), contudo, vão além dessa percepção:

Talvez, alguns sugerem, a definição de jornalismo tenha sido expandida pela tecnologia de maneira que hoje tudo pode ser visto como jornalismo. Em uma análise mais aprofundada, assim como o povo polonês e outras nações que escaparam do controle governamental demonstraram, o propósito do jornalismo não é definido pela tecnologia, nem pelos jornalistas ou pelas técnicas que utilizam, mas por algo muito mais básico: a função que a notícia tem na vida das pessoas.

Logo no início da obra, os autores criticam a falta de reflexão que se fez, durante o século XX, sobre as teorias e práticas do jornalismo e sobre seu real propósito — consequentemente, sobre o que deveriam fazer e o que de fato faziam os jornalistas. A partir da constatação sobre o que define o jornalismo, apontam qual seria a sua finalidade.

Para os poloneses, o jornalismo serviu para a construção de um senso de comunidade, para o desenvolvimento e a consolidação das noções de cidadania e democracia. Assim, os autores definem que a principal finalidade do jornalismo é “fornecer aos cidadãos as informações de que precisam para serem livres e se autogovernarem.” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2014, p. 43, tradução nossa). E independentemente das mudanças ocorridas ao longo dos séculos, essa finalidade tem se mantido constante:

Ainda que a velocidade, as técnicas e o caráter da entrega de notícias tenham mudado, e provavelmente continuarão mudando cada vez mais rápido, existe uma teoria e uma filosofia claras do jornalismo que vêm da função da notícia que permaneceu consistente e duradoura. (KOVACH; ROSENSTIEL, 2014, p. 44, tradução nossa).

É claro que, dentro dessa função mais ampla que se delega ao jornalismo, existe um leque de pequenas funções as quais ele cumpre. Segundo Traquina (2004, p. 52), fiscalizar o poder público, salvaguardando os cidadãos de abusos, assim como fornecer aos cidadãos “as informações necessárias para o desempenho de suas responsabilidades cívicas” fazem parte do que chama de “duplo papel” da imprensa. Park (2008) aponta quatro funções que a notícia desempenha na vida dos indivíduos e da sociedade como um todo, das quais cabe destacar: i) ajuda o indivíduo a interpretar a realidade; ii) permite a participação na discussão política; e [consequentemente] iii) serve de instrumento para a aceleração dos processos de melhoria social e extensão da democracia.

Além disso, como salientam Kovach e Rosenstiel (2014), por meio da notícia, a imprensa auxilia as pessoas na definição de suas comunidades e na criação de linguagens e conhecimentos comuns enraizados em uma mesma realidade.

Partindo dessa noção de um jornalismo que promove a construção e a consolidação da cidadania, que participa na definição de um senso de comunidade, pode-se ressaltar a contribuição dos pesquisadores espanhóis Mar de Fontcuberta e Héctor Borrat (2006) para esse debate. Ao investigar o papel da imprensa em uma “sociedade complexa”, os autores indicam quatro perspectivas para se pensar o jornalismo no século XXI (FONTCUBERTA; BORRAT, 2006). Nesta pesquisa, daremos atenção a três delas:

- 1) *A dimensão socializadora dos meios de comunicação.* São das mais diversas naturezas os motivos pelos quais consumimos informação: buscamos conhecimento, explicações para melhor compreender o que acontece no mundo; procuramos estar informados para nos sentirmos mais seguros e confiantes em nós mesmos, o que favorece a conversa, a troca de mensagens, a socialização (NORIEGA, 1997 *apud* FONTCUBERTA; BORRAT, 2006). Assim, a mídia facilita e estimula, através de seu conteúdo (e como uma dimensão, um espaço em si), a sociabilidade.
- 2) *Os meios de comunicação como um espaço para a cidadania.* A crescente interação entre eles e suas audiências corrobora com a visão de que o receptor das mensagens é um sujeito ativo, que inclusive influencia e modifica o próprio sistema midiático. A expansão da mídia para novas plataformas proporcionadas pela Internet, como blogs, sites de notícias e, mais recentemente, redes sociais, aumentou e modificou a possibilidade de os cidadãos se manifestarem a favor ou contra determinados tópicos, de se inserirem na discussão acerca de uma notícia e de criticarem o emissor da mensagem, podendo recusar informações recebidas e, inclusive, adicionar novas. Essa

interação entre os meios e o público e os próprios indivíduos entre si faz da imprensa um espaço onde se pode pensar e exercer a cidadania (através da obtenção de informações e do debate, por exemplo, aumentando o poder e a autonomia dos cidadãos).

- 3) *Os meios de comunicação enquanto agentes educativos*. Essa dimensão consiste em compreender os meios como portadores de “um tipo de saber que convive com aquele que oferece o sistema educativo.” (FONTCUBERTA; BORRAT, 2006, p. 4). É por meio da mídia que circula expressiva parcela do conhecimento produzido pela sociedade hoje e em épocas passadas. Nesse sentido, afirmam os autores, são agentes educativos que se somam aos agentes tradicionais: a família e a escola.

Atualmente, quando nos referimos aos meios de comunicação, não podemos nos limitar a sua característica de transmissores (ou, inclusive, construtores) de uma determinada realidade. São atores fundamentais da sociedade do conhecimento devido ao fato de que têm adquirido progressivamente uma dimensão socializadora e, portanto, pedagógica, que para o bem ou para o mal está revolucionando o sistema educativo”. (FONTCUBERTA; BORRAT, 2006, p. 4).

Segundo Empinotti e Paulino (2018, p. 54), “a imprensa tem papel histórico como tribuna para debates e instrumento de movimentos decisivos que culminaram em conquistas expressivas para a sociedade”, e o momento em que vivemos é conveniente para que o jornalismo explore sua função educadora. Os meios de comunicação são hoje referência no universo educacional, pois são os principais difusores não somente de informações, como também de saberes. Com o passar do tempo, tornaram-se fundamentais para a aquisição de conhecimento que permite uma conceitualização do mundo, além de atuarem de maneira substancial dentro do campo da educação não-formal (FONTCUBERTA; BORRAT, 2006).

Por isso, segundo Fontcuberta (2003 *apud* BORRAT, 2006), devemos olhar para os meios de comunicação como integrantes do processo educativo, que não se encontra ameaçado por eles, como por muito tempo se alardeou, mas em transformação. Como concluem Empinotti e Paulino (2018), os meios de comunicação hoje são imprescindíveis na condição de terceiro elemento educativo, complementando, junto ao ambiente familiar, o espaço escolar da educação formal.

Consideramos que as finalidades aqui elencadas — em especial as de fornecer aos cidadãos as informações de que precisam para serem livres e se autogovernarem (KOVACH; ROSENSTIEL, 2014) e de ajudar os indivíduos a interpretar a realidade (PARK, 2008) — reforçam essa perspectiva da função educadora do jornalismo, do seu papel de agente educativo

que complementa a educação formal, defendida por Fontcuberta e Borrat (2006) e Empinotti e Paulino (2018) — e escolhida para embasar esta pesquisa. A partir disso, seguimos para o próximo subcapítulo, em que serão apresentados alguns dos principais elementos que, teoricamente, devem guiar a atividade jornalística e auxiliar os profissionais da área a cumprir, de maneira ética e comprometida, seus propósitos.

## 2.5 Elementos do Jornalismo

Pensar o jornalismo enquanto agente educativo não pode ser feito sem uma mínima compreensão do fazer jornalístico, assunto que ainda hoje traz consigo certas confusões e questionamentos. Com o objetivo de enriquecer esse debate teórico, Kovach e Rosenstiel (2014, p. 10, tradução nossa) apresentam princípios que fundamentam a produção de um jornalismo responsável, levando em conta o fato de que, hoje, “as distinções entre cidadão e jornalista, repórter e editor, audiência e produtor não estão desaparecendo, mas tornando-se mais turvas”. Para esta pesquisa, serão destacados três deles: i) a obrigação com a verdade; ii) a disciplina de verificação; e iii) o esforço para fazer o significativo interessante e relevante.

Dentre os valores e princípios que os jornalistas vêm tentando definir para a sua profissão, o primeiro deles é a obrigação com a verdade. Kovach e Rosenstiel (2014, p. 95, tradução nossa) afirmam que “o desejo pela veracidade da informação é elementar.” Se considerarmos que a notícia é um instrumento por meio do qual se aprende e se pensa sobre o mundo, é crucial que seja verdadeira e confiável. Contudo, os autores advertem: apesar de unânime, esse é o mais confuso princípio.

O debate em torno do conceito de verdade se deu durante boa parte do século XX, mas não se restringiu apenas ao campo jornalístico: ainda hoje está presente na filosofia, na física, nas artes. A promessa da verdade e da precisão pela imprensa, no entanto, surge no nascimento do jornalismo moderno, concomitante à gênese da teoria democrática, e logo se torna parte do próprio marketing da profissão (KOVACH; ROSENSTIEL, 2014). Por algum tempo, porém, setores intelectuais da sociedade foram tomados de um ceticismo epistemológico que negou que pudesse existir qualquer verdade observável e de fato objetivamente verificável. Ademais, os próprios jornalistas começaram a se dar conta, no início do século XX, de que não era tão simples equiparar realismo e realidade, tampouco precisão e verdade (KOVACH; ROSENSTIEL, 2014). Indagam-se os autores: seria, então, a verdade complicada demais para ser sequer aspirada? Assim sendo, como fica o jornalismo, se é consenso que sua incumbência

é encontrá-la? “O que significa a obrigação do jornalismo com a verdade?” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2014, p. 101, tradução nossa).

O que o jornalismo busca, afirmam os autores, não é uma verdade absoluta, mas o que chamam de verdade jornalística, isto é, “um processo de descoberta que acontece entre a história inicial e a interação com o público, produtores de notícias e jornalistas.” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2014, p. 104, tradução nossa).

Para entender esse processo de descoberta, é importante lembrar que o jornalismo existe em um contexto social. Por necessidade, cidadãos e sociedades dependem de descrições precisas e confiáveis dos eventos. Eles desenvolvem procedimentos e processos para chegarem ao que pode ser chamado de ‘verdade funcional’. [...] Todas essas verdades — até mesmo as leis da ciência — estão sujeitas à revisão, mas, enquanto isso, operamos a partir delas porque são necessárias e funcionam. (KOVACH; ROSENSTIEL, 2014, p. 104, tradução nossa).

É com base nessas verdades funcionais que lidamos com muitas questões da vida cotidiana. Assim, é preciso ir além do simples relato verídico dos fatos — e, para isso, existem práticas e métodos que ajudam jornalistas a alcançar essa verdade que lhes cabe investigar.

Aproximando a discussão dos dias de hoje, é válido ressaltar a natureza interpretativa do jornalismo moderno, cada vez mais presente na produção jornalística. Kovach e Rosenstiel (2014) mencionam dois aspectos pelos quais se testa a verdade, advindas da filosofia: a correspondência e a coerência. Aplicadas ao jornalismo, a primeira equivaleria a “acertar os fatos”, e se refere aos fatos concretos, verificáveis; já a segunda está relacionada à interpretação dos fatos, isto é, à atribuição de sentido aos acontecimentos. Isso significa que a precisão dos fatos sozinha já não satisfaz as necessidades da sociedade contemporânea. Não é dizer que seja desimportante: ainda assim, a precisão é a base que sustenta todo o resto: contexto, interpretação, debate; “se a base é defeituosa, todo o resto é falho.” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2014, p. 106, tradução nossa). Porém, o que se espera hoje do jornalismo não se resume a ela.

O segundo princípio apontado pelos autores que será abordado nesta pesquisa diz respeito à essência do jornalismo, que, para eles, é uma disciplina de verificação. Para se interpretar um acontecimento, ou uma série de acontecimentos, e, assim, chegar à sua primeira obrigação — a verdade — o jornalista deve priorizar a contextualização e a verificação dos fatos (KOVACH; ROSENSTIEL, 2014). Nos dias de hoje, essa pode parecer uma tarefa quase impossível. Provocam os autores:

Como filtrar os rumores, as fofocas, as memórias falhas, [...] e captar algo da maneira mais precisa possível, sujeita a revisão à luz de novas informações e perspectivas? Como você supera seus próprios limites da percepção, sua

própria experiência, e chega a uma narrativa em que outras pessoas vão confiar? (KOVACH; ROSENSTIEL, 2014, p. 172, tradução nossa).

Existem práticas de verificação que são bastante utilizadas pelos jornalistas, como buscar fontes ou testemunhas variadas e extrair delas o máximo de informação possível. Embora não exista um só padrão reconhecido e compartilhado por quem produz notícia, a verificação, mesmo que definida pessoalmente por cada jornalista, é o que diferencia jornalismo de entretenimento ou outras formas de comunicação.

Nesse contexto, também se faz necessária a menção à confusão que passou a predominar no entendimento do conceito de objetividade, que está diretamente atrelado à verificação. Segundo Kovach e Rosenstiel, o termo começou a ser pensado no âmbito jornalístico a partir de um reconhecimento geral de que jornalistas estariam “cheios de tendências” (2014, p. 178, tradução nossa), muitas vezes sem nem perceberem. A ideia de objetividade propunha o desenvolvimento de um método transparente por meio do qual a informação pudesse ser testada, justamente para impedir que quaisquer orientações pessoais afetassem a qualidade de seu trabalho. Walter Lippmann, jornalista e escritor de grande influência no campo dos estudos em jornalismo, defendia uma unidade do método de verificação, fazendo da objetividade um princípio do processo de compilação das informações (KOVACH; ROSENSTIEL, 2014).

No entanto, ao longo dos anos o termo foi sendo usado de modo a transmitir a ideia de que o jornalista deveria ser objetivo. Dada a natureza humana e subjetiva desses profissionais, chegava-se então à conclusão de que a objetividade seria impossível, inatingível. Isso levou a uma forte rejeição do termo por parte dos próprios jornalistas. O resultado disso, alertam Kovach e Rosenstiel (2014, p. 185, tradução nossa), é “uma ameaça não somente à noção do que é jornalismo, mas também à possibilidade da sociedade civil enfrentar e resolver seus problemas. A esfera pública se torna uma arena exclusivamente para o debate polarizado, e não para compromisso, consenso e solução.”

Para Kovach e Rosenstiel, o que chamam de Espírito da Transparência “é o mais importante elemento para a criação de uma disciplina de verificação.” (2014, p. 199, tradução nossa). Seria algo nos moldes do princípio que orienta o método científico. A única maneira de ser realmente honesto com o público quanto ao que se sabe é expondo o máximo possível sobre seus métodos e fontes; explicar como você aprendeu aquilo que está propondo e por que você acredita no que está dizendo permite que o público faça o mesmo, podendo decidir, com autonomia, se acredita ou não naquela informação (KOVACH, ROSENSTIEL, 2014).

Por fim, outro princípio elencado pelos autores que convém destacar aqui é o dever do jornalismo de se esforçar para fazer o significativo interessante e relevante. Não é recente a

noção dicotômica que coloca em polos opostos conteúdos interessantes e atraentes e aqueles que sustentariam o interesse público, ou seja, aqueles que são considerados de fato relevantes. É uma distorção, afirmam Kovach e Rosenstiel (2014), essa disposição antagônica entre informação e narrativa, entre o que as pessoas precisam e o que elas querem. Os autores acreditam que “não é assim que o jornalismo é feito, tampouco é assim que o público chega às notícias.” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2014, p. 356, tradução nossa).

Narrativa e informação não são opostos. Pelo contrário, se complementam. Kovach e Rosenstiel propõem uma nova maneira de contar histórias, aproveitando o que há de melhor dentre as técnicas de narração e o que pode ser feito com dados, números e elementos que aparentemente têm menos apelo ao público. E o mundo digital, especialmente, é quem torna real e eficiente essa possibilidade. Ferramentas visuais que auxiliam os usuários a enxergar sentido em uma compilação dados sobre determinado assunto, jogos e testes interativos que os ajudam a perceber o quanto entenderam daquela informação que consumiram, por exemplo, são modos narrativos que podem funcionar muito melhor dependendo do tema que se quer abordar.

O jornalismo conta histórias com um propósito: fornecer as informações necessárias para que as pessoas compreendam o mundo em que vivem. Existem aí dois desafios: encontrar informações que são importantes para o conhecimento público e torná-las significativas, relevantes e atraentes (KOVACH; ROSENSTIEL, 2014). Isso significa que os cidadãos também podem, e devem, esperar do jornalismo o elemento atrativo, instigante, interessante. É preciso dar a notícia de forma a estimular a busca das pessoas pelas informações, pelo conhecimento daquele assunto.

Os autores apontam algumas abordagens inovadoras para se refletir não somente sobre os procedimentos narrativos e as informações contidas em uma produção jornalística, mas também sobre as próprias plataformas, os meios que serão utilizados para levar isso à audiência. Perguntas como “quem são as pessoas afetadas por essa história?”, “como são afetadas?”, “de que informações necessitam para julgarem o tema por si próprias?”, ou “qual a melhor forma de se contar essa história?” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2014, p. 375, tradução nossa) podem ser úteis e fazer a diferença na hora de produzir uma matéria.

Por fim, destacamos alguns conceitos propostos pela jornalista e professora estadunidense Jacqui Banaszynski, retomados por Kovach e Rosenstiel (2014), que auxiliam na decisão sobre como transmitir uma história — e que os jornalistas devem ter em mente enquanto agregam e organizam informações antes de definir a maneira como a pauta será

trabalhada. Para este trabalho, levando em conta os objetivos e o objeto a ser estudado, nos interessam três em particular.

- a) *Peças explicativas*: podem funcionar melhor quando a notícia oferece uma possibilidade de se investigar e explorar como algo funciona ou por que alguma coisa aconteceu. São também uma maneira de se aprofundar o conhecimento sobre o mundo, expondo não somente um fato isolado, mas como ele evoluiu e que outros aspectos relacionados podem enriquecer nosso entendimento sobre o assunto.
- b) *Vozes*: o produtor da notícia deve pensar se existem pessoas que possam elucidar o acontecimento e fazê-lo mais compreensível e cativante para a audiência. A partir disso, pode-se definir que plataforma tem o maior potencial de facilitar e tornar bem-sucedida essa interação entre os jornalistas ou as fontes e o público.
- c) *Visual*: o jornalista deve pensar se ilustrações, fotografias, gráficos ou vídeos não funcionarão melhor do que um texto dependendo da pauta que tem para trabalhar.

O entendimento sobre os princípios e elementos do jornalismo acima apresentados é importante para que possamos avançar para o próximo capítulo do trabalho, em que serão discutidas duas características essenciais do objeto desta pesquisa: o webjornalismo e o jornalismo explicativo.

### 3 JORNALISMO DIGITAL E EXPLICATIVO: O MODELO DO JORNAL NEXO

Visto que o Nexo é um nativo digital, ou seja, é um veículo que nasceu na web e que pertence, desde sua criação, ao universo cibernético, faz-se necessário apontar algumas características particulares desse meio. Para isso, neste terceiro capítulo primeiramente são apresentados alguns dos principais elementos do webjornalismo, com o objetivo de melhor compreender as possibilidades que ele proporciona à profissão e complementar o embasamento para a análise do portal NexoEdu. Em um segundo momento, é feita uma discussão sobre o jornalismo explicativo. Na medida em que é esse o tipo de jornalismo que o Nexo diz praticar e que não se trata do mesmo jornalismo que estamos acostumados a ver nos jornais diários, consideramos importante salientar sua origem e suas características. Ao final do capítulo, é feita também uma apresentação do jornal Nexo e do portal NexoEdu, visando a familiarizar o leitor com o objeto da pesquisa.

É importante, antes de passarmos ao primeiro subcapítulo, esclarecer alguns termos frequentemente utilizados para se referir ao jornalismo produzido na e para a internet, pois tratam-se de nomenclaturas que não necessariamente são intercambiáveis. Mielniczuk (2003, p. 24) propõe “uma sistematização que privilegia os meios tecnológicos, através dos quais as informações são trabalhadas”, chegando a cinco definições sobre as práticas de produção e disseminação de informação no jornalismo contemporâneo.

Segundo a autora, jornalismo eletrônico é a mais abrangente, envolvendo todo o tipo de jornalismo que utiliza equipamentos e recursos eletrônicos, sejam eles analógicos ou digitais. Jornalismo digital ou multimídia seria aquele em que a tecnologia empregada é digital, que hoje é praticamente dominante no meio jornalístico, tanto na produção quanto na propagação da informação. “São câmeras fotográficas digitais; gravadores de som; [...] suportes digitais [...] como CD e DVD; *hardwares* e *softwares* para a manipulação das informações (áudio, vídeo e sons em forma de *bits*).” (MIELNICZUK, 2003, p. 25).

Também é chamado de multimídia devido à possibilidade de se manipular de maneira conjunta dados de diferentes naturezas, como imagem, som e texto. Já o ciberjornalismo é aquele que se utiliza de tecnologias que utilizam o ciberespaço. Em outras palavras, é “o jornalismo realizado com o auxílio de possibilidades tecnológicas oferecidas pela cibernética”, ou o “jornalismo praticado no – ou com o auxílio do – ciberespaço.” (MIELNICZUK, 2003, p. 26, grifos da autora). Como exemplo, a autora cita o uso do computador para o gerenciamento

de um banco de dados quando se está produzindo uma matéria<sup>6</sup>. Por fim, o webjornalismo se refere à prática jornalística que faz uso da web, que é uma parte específica da internet (pode-se dizer que o webjornalismo está dentro do universo do ciberjornalismo, mas que nem tudo que é ciberjornalismo é necessariamente webjornalismo). A autora chama atenção para o fato de que as práticas e os produtos jornalísticos podem pertencer paralelamente a mais de uma dessas categorias, ou seja, uma não exclui a outra (MIELNICZUK, 2003). Há também o ‘jornalismo online’, que não será abordado pois não é considerado relevante para essa pesquisa.

Apesar de o jornalismo praticado pelo Nexo se encaixar em todas as definições acima citadas, optou-se por utilizar neste trabalho os termos “jornalismo digital” e “webjornalismo”. O primeiro devido à sua abrangência, que contempla de maneira mais completa a diversidade do conteúdo produzido pelo jornal, que trabalha com vídeos, infográficos, podcasts, entre outros formatos. O segundo, pois envolve a principal plataforma utilizada pelo Nexo (e pelo portal NexoEdu), que é o seu site.

### 3.1 Características do webjornalismo

O Nexo vem se consolidando no meio digital pela qualidade de seu conteúdo e pela inovação de suas abordagens, o que inclui o uso criativo dos elementos que as plataformas digitais e a web proporcionam. Os conteúdos analisados nesta pesquisa, publicados no site do jornal e no seu portal educativo, o NexoEdu, reúnem algumas das características elencadas por Canavilhas (2014) como particularidades que diferenciam o webjornalismo de outros tipos de jornalismo. Para o presente trabalho, será dado destaque a três delas: a hipertextualidade, a multimídia e a memória.

Segundo Canavilhas (2014, p. 3), o texto “é o conteúdo mais usado no webjornalismo.” Inicialmente, o jornalismo que se encontrava na web era basicamente uma versão online do jornalismo impresso, o que selou, desde o seu princípio, uma estreita relação com a imprensa escrita. Assim, o webjornalismo acabou por herdar o texto, que virou também o seu formato mais expressivo. Por se tratar de um conteúdo de menor exigência, em termos técnicos, o texto sempre foi uma opção mais conveniente, e, economicamente, tanto por falta de recursos (humanos e técnicos) quanto pelo alto custo do serviço de banda larga, optava-se pela oferta de conteúdos menos complexos, que podiam ser acessados com menor velocidade de acesso. “Por estas razões, mas também porque o modelo de referência do online continua a ser a imprensa

---

<sup>6</sup>Nesse caso, a matéria pode até ser publicada em um jornal impresso, ou veiculada em um telejornal, mas para a sua produção foram utilizados recursos tecnológicos pertencentes ao ciberespaço.

escrita, o webjornalismo tem no texto o seu elemento fundamental.” (CANAVILHAS, 2014, p. 4).

No entanto, ao longo do tempo, o texto do webjornalismo se transformou e passou a explorar algumas potencialidades das quais o texto impresso, por exemplo, não pode dispor. Uma delas é a hipertextualidade, que tem em sua origem etimológica a ideia de tecido ou entrelaçamento (CANAVILHAS, 2014).

Na Web, o texto aproxima-se deste último significado: mais do que um mero conjunto de palavras ou frases organizadas segundo um conjunto de regras preestabelecidas, o texto transforma-se numa tessitura informativa formada por um conjunto de blocos informativos ligados através de hiperligações (links), ou seja, num hipertexto. (CANAVILHAS, 2014, p. 4).

Para o autor, hipertexto é aquilo que há cinquenta anos Theodor Nelson chamava de escrita não sequencial: “um texto com várias opções de leitura que permite ao leitor efetuar uma escolha.” (CANAVILHAS, 2014, p. 4). Essas opções de leitura são viabilizadas especialmente por meio de blocos informativos<sup>7</sup> e hiperligações<sup>8</sup> (links). O hipertexto é descentralizado, havendo a possibilidade de outros blocos informativos que não o inicial servirem como ponto de entrada para a leitura — essa característica desafia o jornalista na medida em que faz com que ele tenha que “produzir blocos com sentido, independentemente do contexto oferecido pelos restantes blocos informativos.” (CANAVILHAS, 2014, p. 7). Nesse contexto, uma das principais técnicas de redação da imprensa escrita, a pirâmide invertida<sup>9</sup>, perde espaço: como não há restrição de espaço como há em um jornal impresso, o jornalista pode agregar a seu texto tudo aquilo que considera fundamental para a melhor compreensão do leitor, “procurando encontrar a melhor maneira de oferecer toda a informação disponível de uma forma apelativa.” (CANAVILHAS, 2014, p. 17).

A multimídia, por outro lado, não é característica exclusiva do webjornalismo. Existente no jornalismo há mais de cem anos<sup>10</sup>, a partir da década de 1990 a multimídia

<sup>7</sup>“O conceito de bloco informativo, também conhecidos por nó (LÉVY, 1993) ou *lexia* (LANDOW, 1992), aplica-se a todo o tipo de conteúdo, sejam textos, imagens fixas, imagens em movimento, sons ou infografias” (CANAVILHAS, 2014, p. 6).

<sup>8</sup>Uma hiperligação, também chamada conexão (LÉVY, 1993) ou link (LANDOW, 1992), pode ser definida como o elemento que permite a ligação entre dois blocos informativos” (CANAVILHAS, 2014, p. 7).

<sup>9</sup>“A pirâmide invertida é a técnica de redação fundamental no jornalismo escrito. [...] define-se como uma forma de organizar a informação em que os dados mais importantes (o quê, quem, onde, como, quando e por quê) estão no início das notícias, seguindo-se as restantes informações organizadas em blocos decrescentes de interesse” (CANAVILHAS, 2014, p. 8).

<sup>10</sup>A multimídia se caracteriza pela combinação de, no mínimo, dois tipos de linguagem em uma mesma mensagem. Assim, no início do século XX ela já estava presente em matérias que uniam texto e fotografias ou ilustrações em um jornal impresso. Ou então, já na segunda metade do século, na televisão, que por natureza também multimidiática.

atinge, com o desenvolvimento da internet e, principalmente, da web, um outro patamar. Salaverría (2014, p. 30) destaca três interpretações para o conceito de multimídia: multiplataforma, polivalência e combinação de linguagens. Aqui, interessa-nos falar sobre a última, que, segundo o autor, significa combinar “pelo menos dois tipos de linguagem em apenas uma mensagem” — e que é a mais comum no meio jornalístico (CANAVILHAS, 2014).

O recurso ao hipertexto foi potenciado, ao mesmo tempo que se simplificou precisamente a apresentação simultânea de vários tipos de elementos multimídia. [...] De facto, graças à Web multiplicaram-se as possibilidades para o crescimento da narrativa multimídia. (SALAVERRÍA, 2014, p. 32).

A internet, segundo Salaverría (2014, p. 33), foi a plataforma que possibilitou que se combinasse, ao mesmo tempo, diversos formatos comunicativos — desafiando os comunicadores, mas ao mesmo tempo dando-lhes a oportunidade de “idealizar novos modos de expressão sincrética recorrendo a todos os tipos imagináveis de linguagem.” Destacamos seis dos oito elementos elencados pelo autor que podem constituir um conteúdo multimídia: texto, fotografia, gráficos, iconografia e ilustrações estáticas, vídeo, animação e discurso oral. Todos estes elementos, de alguma forma, aparecem no trabalho do Nexo, sendo alguns deles inclusive muito característicos do uso que o veículo faz das ferramentas digitais que estão a seu alcance.

Salaverría (2014) também alerta para alguns critérios que podem auxiliar na composição de um conteúdo multimidiático, de maneira que ele seja atrativo e inteligível para o leitor. Dentre eles, cabe destacar a hierarquização, que se trata da atribuição de protagonismo a um dos elementos que formam o conteúdo multimídia. Em outras palavras, hierarquizar, neste contexto, significa saber identificar qual a linguagem mais adequada para transmitir determinada informação.

A terceira característica do webjornalismo pertinente para esta pesquisa é a memória. Para Palacios, o jornalismo é “memória em ato.” (2014, p. 91). Relata o presente, que logo se transforma em passado — que, por sua vez, passa a ser “relato contínuo e ininterrupto”, devido às novas condições do jornalismo 24x7, isto é, 24 horas por dia, sete dias por semana, desenvolvidas pelos meios de comunicação de massa como rádio, televisão e, mais recentemente, a web.

Palacios (2014, p. 90) defende que o jornalismo, desde a modernidade, ocupa um lugar duplo, “um espaço vivo de produção da atualidade, lugar de agendamento imediato, e igualmente lugar de testemunhos, produtor de repositórios de registros sistemáticos do cotidiano, para posterior apropriação e (re)construção histórica.”

À medida que as populações deixavam o campo e tinha início a urbanização, o processo de alfabetização evoluía, num processo em que a memória, antes transmitida oralmente, ficava cada vez mais a cargo do texto, das fotografias e do cinema, que passaram então a registrar o cotidiano (PALACIOS, 2014). É nesse contexto também que se consolida o jornalismo contemporâneo.

Segundo o autor, quem observa com atenção as páginas de um jornal pode perceber a frequência com que os repórteres recorrem à memória para a construção que fazem do presente. O jornalismo se utiliza da memória enquanto ferramenta narrativa: seja em reportagens de teor comemorativo ou em situações em que algum evento que foi objeto de cobertura por um determinado período chega ao fim.

A memória entra em ação de maneira recorrente, de modo quase natural, na produção do relato da atualidade, seja como **ponto de comparação** do evento presente com eventos passados (recentes ou remotos), [...] ou mesmo através da apresentação do presente como elemento para **desconstruir e tornar a construir**, sob a luz de novos fatos, os acontecimentos do passado. (Zelizer, 2008, p. 82 *apud* PALACIOS, 2014, p. 93, grifo do autor).

Acionar a memória foi tornando-se mais fácil, e a memória em si, mais plural. O acesso aos arquivos, antes restritos a poucos veículos, hoje é muito mais democrático: não só possui o jornalista mais e melhores condições de aceder à memória, mas igualmente o tem o público. “O usuário final pode também recorrer ao passado arquivado para, fácil e rapidamente, situar e contextualizar a atualidade que lhe é apresentada através do fluxo midiático.” (PALACIOS, 2014, p. 96).

Essas mudanças, evoluções e proliferações das bases de dados, que são parte fundamental do processo de digitalização da informação em larga escala, geram diversas consequências no tocante à memória no jornalismo. Dentre elas, vale ressaltar a diversificação dos modos de narrar, tanto com relação à maneira como a memória é incorporada ao produto quanto ao uso de seus diferentes formatos; e a forma como os veículos interagem com os usuários, que adquirem ferramentas para explorar para além do próprio material que lhes é ofertado (PALACIOS, 2014).

Apresentadas algumas das particularidades do jornalismo digital, cabe destacar uma importante atribuição que os nativos digitais vêm desempenhando atualmente: a renovação dos valores tradicionais do jornalismo e a redefinição do próprio jornalismo. Esse movimento se dá por meio da produção de conteúdos autênticos ou da colaboração (tanto de veículos entre si como entre eles e suas audiências), bem como do uso de novas e arrojadas técnicas. (HARLOW; SALAVERRÍA, 2016 *in* DAMASCENO; GRUSZYNSKI; HOEWELL, 2018).

Apesar da aparente primordialidade do instantâneo, que há tempos vem ocupando grande parte da imprensa, retomar de forma aprofundada os abrangentes contextos e consequências dos acontecimentos segue sendo necessário — talvez, agora, o seja ainda mais. E a web, com suas tantas possibilidades, apresenta-se como um meio ideal para a realização dessa prática.

Com isso, passamos ao próximo subcapítulo, em que serão discutidas as origens e características do jornalismo explicativo.

### 3.2 Jornalismo explicativo

Tendo em vista que o jornal Nexo afirma praticar jornalismo explicativo, é fundamental que se compreenda o que é esse modelo de jornalismo, a que se propõe, em que contexto surgiu e em que difere de outros formatos de conteúdo jornalísticos. Ainda que o estudo acerca do tema não seja muito vasto e haja uma certa indefinição com relação à sua nomenclatura, buscamos trazer neste subcapítulo algumas elucidações que possam auxiliar no entendimento do assunto.

Definido de maneira simples e direta, o jornalismo explicativo busca o como e o porquê das notícias (HOEWELL, 2018). Parisi (1999, p. 47) acredita que:

Sua definição é frequentemente resumida no apelo da Comissão pela Liberdade da Imprensa por uma ‘descrição verdadeira, abrangente e inteligente dos acontecimentos do dia em um contexto que lhes dê significado’, uma questão de relatar não apenas ‘o fato verdadeiramente’, mas ‘a verdade sobre o fato’.

Atualmente, devido ao contexto de excessiva profusão de informações, esse modelo de jornalismo tem ganhado espaço entre os nativos digitais, mas, segundo Forde (2007), ele está presente na imprensa norte-americana pelo menos desde meados da década de 1930. Nessa época, começava a surgir entre editores e repórteres um desejo e uma necessidade de que as reportagens jornalísticas trouxessem mais explicação — o que exigiria dos profissionais mais conhecimento, para melhor aclarar os fenômenos e acontecimentos para seus leitores.

De acordo com Forde (2007, p. 227), a chamada reportagem explicativa engloba a concepção histórica da própria reportagem: “uma explicação e interpretação de eventos e fenômenos complexos situados em um contexto social, político ou cultural.” Essa noção, no entanto, era pouco expressiva até então. Carregado de uma forte crença no realismo e na soberania factual, o modelo vigente no jornalismo no fim do século XIX e início do século XX era a notícia, na forma da pirâmide invertida, com ênfase nos fatos e na convicção na

neutralidade do repórter. Nos anos 1920, Walter Lippmann sugeriu a objetividade como um método de coleta e verificação de informações para os jornalistas, mas essa ideia acabou por se desenvolver de outra forma: de método, rapidamente passou a ser vista como um “valor de notícia.” (FORDE, 2007, p. 231).

No entanto, nesse mesmo período, a preocupação com relação à transparência dos fatos, à real capacidade de se produzir relatos significativos dos acontecimentos — a partir apenas da associação desses fatos — e às “problemáticas dimensões morais da neutralidade” (FORDE, 2007, p. 227) passou a ser maior. Ademais, a conjuntura social, política e econômica que se instaurou durante a Grande Depressão nos Estados Unidos, junto à expansão da cobertura jornalística para além das fronteiras nacionais, fez com que tanto jornalistas quanto o próprio público questionasse a pertinência da reportagem objetiva como a melhor maneira de se explicar um mundo que parecia cada vez mais complexo (FORDE, 2007).

Outro fator relevante nesse processo de amadurecimento do jornalismo explicativo foi o surgimento e a expansão de novos meios de comunicação. Com o desenvolvimento do rádio e a chegada de revistas noticiosas, os jornais se viram obrigados a investir em textos mais longos e elucidativos (HOEWELL, 2018). Posteriormente, com o aparecimento da televisão, essa forma de texto se fez mais presente na mídia impressa — no Brasil, a TV seria a responsável pelo surgimento do jornalismo explicativo (ERBOLATO, 1984 *apud* HOEWELL, 2018, p. 64), que serviu de alternativa para os jornais quando “a televisão, em termos de entrega imediata de notícias e comando do tempo da audiência, mostrou-se um concorrente formidável.” (FORDE, 2007, p. 231).

A essa altura, entidades jornalísticas já tomavam consciência da grande transformação no fluxo de informação, o que necessariamente implicaria em mudanças na própria função do jornalista. Uma delas foi o Conselho do Prêmio Pulitzer, que, com a criação de uma categoria específica para o jornalismo explicativo em 1984, reconheceu não somente essa forma de jornalismo, mas também a progressiva complexidade do mundo e o papel fundamental do jornalismo na tarefa de explicá-la. Esclarecer temas relevantes e melindrosos, segundo o Conselho, era a função da reportagem explicativa. Em 1998, a categoria passou a ser denominada reportagem explicativa, e foi adicionada à sua definição o requisito de que o repórter demonstrasse domínio e fizesse uma apresentação clara do assunto (FORDE, 2007).

### 3.2.1 *Características do jornalismo explicativo*

Feita esta breve contextualização histórica, podemos passar às características do jornalismo explicativo. Estudos do material jornalístico produzido nos Estados Unidos ao longo do século XX, como os feitos por Fink e Schudson (2014) e Barnhurst (2015), evidenciam uma significativa transformação no modo como o jornalismo conta histórias — uma passagem da notícia centrada no fato para aquelas com ênfase no significado (WIHBEY, 2016). Nesse período, conforme descobriu-se por meio dessas pesquisas, as notícias cresceram em extensão, trazendo mais análises e maior preocupação, como já foi mencionado, em responder às perguntas como e por quê, além das habituais “quem, o que, quando e onde”. O chamado “gancho”, isto é, o uso de um acontecimento atual, recente, para se elaborar uma notícia, não é um requisito no jornalismo explicativo. Mais do que isso, importa a busca pelo sentido dos fatos, de maneira que eles estejam relacionados ao contexto que os cerca.

Forde (2007), ao analisar as 22 reportagens que haviam (até a publicação de seu artigo) vencido o Prêmio Pulitzer de Jornalismo Explicativo, entende que, para explicar uma questão complicada, é necessário mais espaço do que as matérias de jornais tradicionalmente recebem: em extensão, essas reportagens lembram mais os textos de longo formato, comuns em revistas, do que as peças mais curtas presentes nos jornais. Além disso, também se aproximam do conteúdo das revistas pelo espaço de tempo entre a notícia do acontecimento e a publicação da reportagem: todas, exceto uma, foram publicadas semanas ou até meses após a ocorrência do fato que abordam. Esse prolongamento da produção se deve, frequentemente, ao tempo dedicado pelos jornalistas à compreensão do assunto, o que lhes possibilita “situar os fatos da notícia em um contexto.” (FORDE, 2007, p. 232).

Com relação às temáticas geralmente abordadas pelo jornalismo explicativo, Parisi (1999, p. 57) aponta com tom crítico que a explicação se restringe a assuntos relacionados à economia, tecnologia e ciência, sendo os “assuntos públicos” normalmente privados dela<sup>11</sup>. De acordo com Forde (2007), 12 das 22 reportagens que examinou em seu trabalho cobriam questões científicas e médicas. Para a autora, devido ao fato de a primeira reportagem vencedora do Pulitzer de Jornalismo Explicativo ter abordado uma pauta científica, instituiu-se a ideia de que a ciência era um assunto pertinente e conveniente a essa forma de fazer jornalismo.

---

<sup>11</sup>É importante esclarecer que esta é a visão do autor, que constatou, a partir de sua pesquisa, que o jornalismo explicativo não tratava de assuntos públicos. No entanto, no caso do jornal Nexo, há, sim, conteúdos explicativos que pautam esse tipo de assunto.

Forde (2007, p. 234) ainda salienta que, para além de uma sugestão sobre a pertinência do tema, com esse gesto o Conselho do Pulitzer também sinalizava que “reportagem científica exigia explicação, que explicação exigia contexto e que providenciar contexto exigia algo diferente” do que vinha sendo feito no jornalismo tradicional. Por exemplo, para que se possa explorar a minúcia da pesquisa científica e suas inferências, o jornalismo explicativo deve realçar a explicação, mas ele também precisa fazer um bom uso das técnicas narrativas para dar lugar ao significado emocional que também existe na ciência.

Mesmo que, ao longo das décadas, o jornalismo explicativo tenha tido maior incidência e tenha conquistado maior reconhecimento, Parisi (1999) observou que existia uma grande resistência velada à noção de explicação no jornalismo, além de uma incerteza sobre a maneira como isso poderia ser concretizado na prática. O autor também criticava o fato de que ele continuava a esbarrar em uma questão bastante delicada: a enraizada divisão entre objeto e sujeito, entre fato e opinião — que, inclusive, até hoje prevalece no âmbito jornalístico:

[...] as imagens da objetividade permanecem profundamente entrelaçadas no discurso jornalístico. [...] Uma vez dada ao fato essa primazia, o universo de pontos de vista, perspectivas, valores e culturas variadas tende a ser associado a sentimentos e opiniões pessoais. (PARISI, 1999, p. 49).

Ele defende que as reportagens propiciem “a compreensão e não o espanto” (PARISI, 1999, p. 61) e, a um olhar desatento, pode parecer até estar falando dos dias de hoje. Para o autor, a luta dos jornais por manter sua credibilidade contra o ceticismo em relação à prática jornalística deveria incluir a abertura de mais espaço para o jornalismo explicativo.

Forde (2007) segue um caminho parecido e clama a necessidade do jornalismo explicativo mais do que nunca, para que os jornalistas possam de fato fornecer informações imprescindíveis ao envolvimento dos cidadãos nos processos políticos. Esse jornalismo explicativo tem duas finalidades: “identificar as razões e as causas do que está acontecendo” com a população e o país e “fornecer informação explicativa sobre condições que os cidadãos querem eliminar.” (GANS, 2003, p. 99 apud FORDE, 2007, p. 239).

Pensando na esfera do jornalismo digital, Wihbey (2016) destaca novos canais, como Vox, Upshot (The New York Times), Wonkblog (The Washington Post) e FiveThirtyEight, que capitalizam em cima da crescente disponibilidade de dados e pesquisas online, como exemplos de mídias que exploram e mostram novas possibilidades de se fazer jornalismo. Segundo o autor, tais produtores de notícias respondem às teorias já existentes de pesquisadores que acreditam que as pesquisas acadêmicas, especialmente no âmbito político, podem beneficiar a prática jornalística. Ele diz ainda que a capacidade de obter informações, outrora inacessíveis

ao público em geral, já está reduzida, e que agora esses profissionais devem se preparar para criar um tipo de conhecimento que seja valorizado por meio do domínio sobre o assunto (ZACHARY, 2014 apud WIHBEY, 2016, p. 2).

### 3.3 O Jornal Nexo

Fundado em 2015 pela cientista social Paula Miraglia, pela engenheira Renata Rizzi e pelo jornalista Conrado Corsalette, o Nexo se apresenta como um jornal digital independente que busca contextualizar as notícias e expandir o acesso a dados e estatísticas. Segundo o site do jornal, sua principal motivação é “produzir um jornalismo que contribua para um debate público qualificado e plural, e que seja capaz de fortalecer a democracia brasileira.” (JORNAL NEXO, 2019). A experiência do usuário é o foco central da produção, que é guiada por três princípios editoriais: equilíbrio, clareza e transparência. O equilíbrio é a maneira por meio da qual o jornal procura “ser uma fonte de informações com credibilidade” que dialogue com diferentes visões; a clareza, uma forma de interligar o interesse dos leitores com acontecimentos relevantes e de maior complexidade; e a transparência, um modo de renovar as relações de confiança e interação com o público (JORNAL NEXO, 2019).

Na contramão da usual lógica de tratamento da notícia, que prioriza o furo jornalístico, a informação nova e imediata, o Nexo se propõe a fazer um jornalismo explicativo, de contexto. A editora executiva do jornal, Marina Menezes, afirma que o Nexo não faz “cobertura quente.” (ESTARQUE, 2019). Dessa forma, os profissionais não necessariamente precisam de um gancho para tratar de determinado tema. Segundo Menezes, o Nexo parte do pressuposto de que o leitor nem sempre sabe do que está sendo abordado em uma matéria, o que permite ao autor do conteúdo se dedicar a uma contextualização do assunto tratado (ESTARQUE, 2019).

A equipe do jornal, que tem sede em São Paulo, conta com 30 pessoas “com diferentes formações e habilidades, incluindo jornalismo, ciências sociais, estatística, ciência de dados, design, tecnologia, marketing e negócios.” (JORNAL NEXO, 2019). Criado com investimento pessoal de seus fundadores, hoje a principal fonte de receitas do Nexo são as assinaturas, que funcionam de duas maneiras: na anual, o valor pago é de R\$120,00 para 12 meses; na mensal, R\$12,00 por mês (ESTARQUE, 2019). O assinante tem acesso ilimitado a todos os conteúdos publicados pelo jornal, incluindo quatro newsletters: *a\_nexo*, uma newsletter diária que reúne notícias consideradas importantes, publicadas pelo Nexo e outros veículos; *seleção da semana*, uma curadoria dos destaques do Nexo na semana; *o que estamos lendo*, que traz recomendações feitas pela equipe; e *nos eixos*, uma newsletter mensal com o “melhor em infografia e

visualização de dados” do Nexo e conteúdo gráfico de outros veículos. Não-assinantes têm acesso a cinco publicações por mês, às seções “Vídeo”, “Externo” e “Podcasts” (ilimitado) e à newsletter *a\_nexo* (JORNAL NEXO, 2019).

Em 2017, o Nexo foi o primeiro veículo brasileiro a ganhar o prêmio da Online Journalism Awards na categoria de Excelência Editorial. Nos seus quatro anos de existência, o jornal vem se destacando não somente por explorar assuntos amplos — e muitas vezes inusitados — mas também por inovar na abordagem, utilizando-se das diversas possibilidades que a plataforma digital oferece. Na página do jornal é possível acessar o conteúdo produzido em diferentes formatos, como infográficos, vídeos, podcasts, materiais interativos.

### 3.3.1 *O portal NexoEdu*

Voltado para estudantes e professores, o portal NexoEdu é uma página dentro do site do jornal que reúne conteúdos produzidos pelo Nexo e que tratam de temas atuais e/ou diretamente relacionados ao currículo escolar. Segundo o Nexo, esses conteúdos são disponibilizados “em formatos variados e inovadores, como infográficos, vídeos curtos, mapas, textos explicativos, podcasts, testes de conhecimento e outros interativos” (JORNAL NEXO, 2019). O objetivo é que alunos e educadores possam utilizar esses conteúdos, seja como material complementar para o estudo individual ou para realizar pesquisas, seja como ferramenta para uso em sala de aula.

Autodenominado “um lugar em que o jornalismo encontra a educação”, o NexoEdu oferece o conteúdo aos usuários separando-os em algumas seções, como “Para a sala de aula”, “Para pesquisa”, “Dados e mapas”, “O que está em jogo agora”, “Teste seu conhecimento”, “Profissões” e “Por tema”, além dos destaques ao longo da página. A seção “O que está em jogo agora”, por exemplo, se propõe a manter o leitor atualizado sobre os “principais acontecimentos e debates no Brasil e no mundo” (JORNAL NEXO, 2019).

Além disso, o NexoEdu possui um programa direcionado às escolas, chamado “Para escolas”, em que a assinatura pode ser feita pela instituição. Com a ferramenta, as escolas têm acesso ilimitado aos conteúdos do jornal, incluindo newsletters voltadas às temáticas educacionais, como a “Atualidades para o Enem”, seleção de materiais do Nexo que tratam de temas contemporâneos, voltados para a preparação para o Exame Nacional do Ensino Médio e vestibulares, com sugestões de abordagem para professores utilizarem em sala de aula.

Com base no que foi visto até aqui, passamos então ao próximo capítulo, em que será feita a análise propriamente dita de conteúdos do portal NexoEdu.

#### 4 O POTENCIAL EDUCATIVO DOS CONTEÚDOS DO NEXO

Partindo da teoria apresentada nos capítulos anteriores, nesta etapa final do trabalho será realizada uma análise do objeto de estudo, buscando responder à pergunta que orienta esta pesquisa: de que maneira os conteúdos oferecidos pelo jornal Nexo por meio do seu portal educativo, NexoEdu, podem contribuir com o ensino escolar? Para atingir os objetivos estabelecidos, optamos por utilizar como metodologia de pesquisa a análise de conteúdo, de modo que seja possível observar o material disponibilizado no portal em questão e, com base nisso, compreender o potencial educativo desses conteúdos jornalísticos.

Segundo Laurence Bardin (1977, p. 95), a análise de conteúdo possui três fases ou “pólos cronológicos”: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados.

A pré-análise, diz a autora, é a etapa da organização do objeto a ser estudado, e apresenta três finalidades (finalidades essas que não necessariamente precisam ser feitas na ordem que segue): a escolha dos documentos que serão analisados, a formulação de hipóteses e objetivos e a elaboração de indicadores que deem embasamento à interpretação final. “A pré-análise tem por objectivo a organização, embora ela própria seja composta por actividades não estruturadas, “abertas.” (BARDIN, 1977, p. 96).

O primeiro exercício sugerido para a pré-análise é a leitura flutuante, que consiste em um primeiro contato com o objeto a ser estudado, de modo que o analista possa conhecer o material, mantendo-se aberto para impressões que possam vir a surgir a partir desse contato. Depois disso, é feita a escolha dos documentos que irão compor o *corpus* da análise, isto é, “o conjunto dos documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos.” (BARDIN, 1977, p. 96). A formulação de hipóteses e objetivos, como foi destacado acima, não precisa ser, obrigatoriamente, o terceiro exercício. Aliás, a elaboração de hipóteses não é obrigatória: segundo Bardin, muitas análises são efetuadas sem elas. No entanto, é comum que surjam suposições implícitas, e em muitos casos elas ajudam a dimensionar e direcionar o trabalho. A pré-análise envolve ainda a definição das categorias por meio das quais será feita a análise em si, isto é, a maneira como o material será organizado para que se atinjam os objetivos estipulados.

A etapa seguinte é a da exploração do material, que consiste na análise propriamente dita, e a última fase envolve o tratamento dos resultados obtidos e a sua interpretação. A partir disso, podem ser elaboradas inferências e interpretações, baseadas nos objetivos previamente definidos, e possivelmente outros aspectos identificados ao longo da análise.

#### 4.1 Pré-análise

Nesta etapa do processo, como recomendado por Bardin (1977), foi feita uma leitura flutuante do material a ser investigado — no caso desta pesquisa, o portal NexoEdu. Ao longo dessa leitura, contudo, notou-se que também era necessário fazer uma apreciação, mesmo que não tão aprofundada, do site do jornal Nexo (e por isso começaremos por ele), para entender melhor como os conteúdos são dispostos na página do jornal e em que aspectos o portal NexoEdu se diferencia dele.

Examinando a página inicial do Nexo, percebe-se que há duas maneiras de se navegar nele: rolando para baixo na própria página ou acessando um menu no canto superior esquerdo da tela.

Ao longo da página, o usuário encontra 15 seções<sup>12</sup>: *Destaques 1*<sup>13</sup>, *Em alta*, *Especial*, *Destaques 2*, *Colunistas*, *Tribuna*, *Gráfico*, *Destaques 3*, *Nexo recomenda*, *Acadêmico*, *Hits - as mais lidas*, *Vídeo*, *Por tema*, *Imperdíveis* e *Índex*. Na seção *Por tema*, pode-se optar entre conteúdos de cada um dos seguintes assuntos: Política, Internacional, Ciência e Saúde e Sociedade. Similarmente, a seção *Índex* apresenta conteúdos de quatro assuntos: Questão Indígena, LGBT, Trabalho e Questão Racial. Há também a opção “Navegue por temas”, que aparece duas vezes (uma abaixo da seção *Especial*; a outra, no fim da página, permitindo que o usuário escolha entre os seguintes temas: Política, Economia, Internacional, Sociedade, Cultura, Ciência e Saúde, Tecnologia, Esporte e Meio Ambiente).

O menu no canto superior esquerdo permite o acesso aos conteúdos de acordo com o formato<sup>14</sup> em que são apresentados: Expresso, Explicado, Gráfico, Vídeo, Interativo, Entrevista, Serviço, Ensaio, Podcast, Estante, Especial, Externo, Acadêmico, Profissões, Léxico e Colunistas.

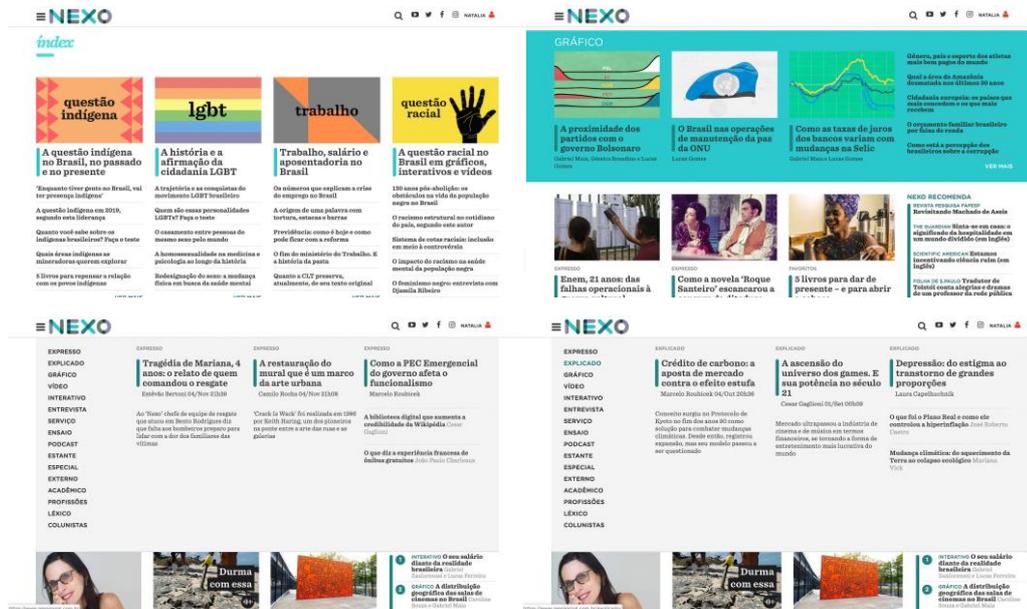
---

<sup>12</sup>Para melhor descrever a organização do site do jornal Nexo, bem como do portal NexoEdu, optou-se por utilizar o termo “seção” para as diferentes repartições presentes em suas respectivas páginas iniciais.

<sup>13</sup>Para fins de organização, optou-se por denominar seções que, na página do jornal Nexo, não apresentam um título, de *Destaques*. O mesmo foi feito posteriormente, para a apresentação do portal NexoEdu.

<sup>14</sup>Optou-se por utilizar o termo “formato” para os diferentes tipos de conteúdo que o jornal Nexo produz (Gráfico, Expresso, Especial, Podcast, Vídeo, etc). O próprio veículo identifica esses conteúdos com nomenclaturas que estão diretamente relacionadas à forma ou à linguagem do conteúdo. Pode-se pensar em algo semelhante às editoriais dos veículos tradicionais. No entanto, no caso do Nexo, o que define a nomenclatura é o tipo de conteúdo em si, e não o seu tema.

Figura 1 - No topo, à esquerda, a seção *Índice*; à direita, a seção *Gráfico*; nas demais imagens, o menu e as opções de navegação conforme o formato do conteúdo



Fonte: Jornal Nexo (2019).

É importante ressaltar, que quando começamos essa análise, não havia nenhuma chamada ou link pelo qual o portal NexoEdu podia ser acessado na página inicial do jornal Nexo. Era preciso inserir a URL do portal (<https://www.nexojornal.com.br/edu/>) na barra de endereços do navegador. No entanto, a partir do dia 20 de novembro de 2019, um ícone do NexoEdu começou a aparecer tanto a página inicial do jornal, no canto superior esquerdo, ao lado dos ícones de redes sociais e do *login* do assinante, quanto em alguns conteúdos do portal.

A página inicial do NexoEdu, por sua vez, é dividida em dez seções: *Destaques 1, O que está em jogo agora, Para a sala de aula, Por tema, Dados e mapas, Destaques 2, Teste seus conhecimentos, Para pesquisa, Destaques 3 e Profissões*. No quadro abaixo, organizamos as seções de acordo com a ordem em que são apresentadas na página do portal, suas respectivas descrições e os formatos que aparecem em cada uma.

Quadro 1 - Seções do portal NexoSdu, com suas descrições e formatos

Seção	Descrição	Formatos
Destaques 1	conteúdos mais recentes do portal; assuntos variam	variados
O que está em jogo agora	conteúdos atuais; temáticas como política e economia	Expresso
Para a sala de aula	conteúdos para uso em sala de aula	variados
Por tema	conteúdos distribuídos em 12 temas	variados
Dados e mapas	conteúdos com infográficos didáticos	variados (maioria Gráfico)
Destaques 2	conteúdos mais recentes do portal; assuntos variam	variados
Teste seus conhecimentos	testes de conhecimento	Interativo
Para pesquisa	conteúdos mais elaborados para auxiliar alunos e professores em pesquisas para a escola	variados
Destaques 3	conteúdos mais recentes do portal; assuntos variam	variados
Profissões	entrevistas com profissionais de diferentes áreas	Profissões

Fonte: Elaboração própria baseada no Jornal NexoSdu (2019).

A seção *O que está em jogo agora* traz conteúdos atuais, abordando temáticas como política e economia. Já a seção *Para a sala de aula* se propõe a oferecer conteúdos especiais “considerados imperdíveis para professores e estudantes” e materiais que “permitem inovar na abordagem de diferentes temas.” (JORNAL NEXO, 2019). Na seção *Por tema*, pode-se optar entre conteúdos sobre os seguintes tópicos: Questão Racial, Questão Indígena, Guerras e Armamento, LGBT, Epidemias, Violência, Água e Crise Hídrica, Desigualdades Sociais, Eleições, Questão de Gênero, Mudança Climática e Migrantes e Refugiados. *Dados e mapas* reúne infográficos que apresentam informações referentes a variados assuntos “de forma didática e cativante, atraindo a atenção dos estudantes.” (JORNAL NEXO, 2019). O site ainda destaca que esses gráficos podem ser utilizados em aulas de Matemática e podem auxiliar na preparação para vestibulares.

Figura 2 - À esquerda, as seções Destaques 1 e O que está em jogo agora; à direita, as seções Destaques 2 e Teste seus conhecimentos



Fonte: Jornal Nexo (2019).

Em *Teste seus conhecimentos* estão agrupados conteúdos do formato Interativo, propondo *quizzes*, isto é, testes para analisar o quanto o usuário sabe sobre determinado assunto. O Nexo sugere que esses testes “podem ser um ótimo recurso interativo para começar ou encerrar uma aula.” (JORNAL NEXO, 2019). A seção *Para pesquisa* traz conteúdos mais elaborados sobre diferentes assuntos, em diferentes formatos, com o intuito de ajudar professores e estudantes em suas pesquisas para a escola. Por fim, a seção *Profissões* reúne conteúdos do formato Profissões. Neles, profissionais de diversas áreas são entrevistados e falam sobre trajetórias, motivações e dificuldades da carreira. Nas seções de destaque, os conteúdos são variados em termos de formato e assunto, não ficando evidente qual a sua proposta.

No topo da página, abaixo do logo do NexoEdu, há três ícones que redirecionam o usuário: “Sobre”, que traz informações do portal; “Depoimentos”, onde se pode encontrar relatos de estudantes e professores que o utilizam; e “Nexo Jornal”, que é a página inicial do jornal. No entanto, não há um menu que separe os conteúdos de acordo com seus formatos, como na página do Nexo, ou que permita a navegação diretamente para uma das seções do portal. A única maneira de acesso às matérias é rolando para baixo na própria página.

A partir da observação das duas páginas, notou-se que, dos 16 formatos produzidos pelo Nexo, 11 aparecem no portal NexoEdu<sup>15</sup>: Entrevista, Especial, Explicado, Expresso, Gráfico, Interativo, Podcast, Profissões, Reportagem, Serviço e Vídeo. Visto que a análise se dará em

<sup>15</sup>O formato chamado *Série* aparece duas vezes no portal NexoEdu, mas não aparece no Nexo. Optou-se por deixá-lo de fora da análise, pois ele nada mais é do que um conjunto de conteúdos de diferentes formatos (mais especificamente, uma matéria inicial e, ao final dela, uma indicação para outras matérias já publicadas que têm relação com o assunto, mas que não são necessariamente feitas em série).

cima de alguns desses conteúdos, consideramos relevante descrever, de maneira simplificada, algumas características com relação à sua forma:

- A) Entrevista - as entrevistas são apresentadas em texto, precedidas de uma pequena introdução ao assunto e à trajetória do entrevistado; geralmente, no início das matérias há uma imagem relacionada ao tema da entrevista.
- B) Especial - as matérias especiais são de maior extensão, apresentam um design mais aprimorado e utilizam uma maior variedade de recursos multimídia intercalados com o texto, como imagens e gráficos (animados ou não).
- C) Explicado - também de maior extensão, abordam temas amplos, muitas vezes complexos, e apresentam o conteúdo de maneira didática e explicativa, utilizando em geral texto, imagem e vídeo; no lado esquerdo da tela há um menu por meio do qual se pode navegar a partir de perguntas específicas sobre do assunto, como “quem...”, “quando...”, “como...”, “por que...”, sendo possível para o usuário ir diretamente ao que ele procura sobre o assunto.
- D) Expresso - os conteúdos *expresso* lembram mais o estilo noticioso tradicional, tanto pelos assuntos que abordam quanto por sua própria forma; em geral, tratam de notícias da atualidade, apesar de não se restringirem a isso, e combinam texto e imagem.
- E) Gráfico - os conteúdos deste formato apresentam pouco texto; a maior parte das informações está contida dentro dos próprios gráficos (animados ou não).
- F) Interativo - os conteúdos interativos se caracterizam por sua proposta de aplicar “testes” no usuário, abordando temas específicos ou as notícias mais importantes da semana
- G) Podcast - os podcasts são conteúdos sonoros; geralmente apresentam, em forma de texto, uma breve introdução ao assunto (ou um “gancho”, isto é, o porquê de aquele assunto estar sendo tratado naquele momento — isso acontece mais no podcast *Durma com essa*<sup>16</sup>, que tem caráter noticioso); em seguida, pode-se acessar o conteúdo pelo tocador *SoundCloud* na própria página, mas também são disponibilizados links que redirecionam o usuário às páginas deste e de outros tocadores.
- H) Profissões - os conteúdos do formato *profissões* são apresentados em forma de entrevista, em texto; geralmente, são feitas 5 perguntas relacionadas à profissão do entrevistado; ela é precedida de uma breve introdução sobre o entrevistado e uma respectiva fotografia.

---

<sup>16</sup>O Nexo produz, além do *Durma com essa*, outros três podcasts: *Escuta*, *Politiqûês* e *Como começar*.

- I) Reportagem - as reportagens são geralmente de maior extensão; apresentam texto, imagem e, às vezes, vídeo.
- J) Serviço - os conteúdos do formato *serviço* possuem um caráter bastante informativo; os temas pautados são explicados de maneira didática, com ilustrações, gráficos, imagens e vídeos acompanhando o texto principal.
- K) Vídeo - o formato *vídeo* se apresenta de maneiras variadas: em alguns casos, um membro da equipe do Nexo aparece no próprio vídeo, contextualizando e explicando o assunto abordado (sua imagem é intercalada com imagens de arquivo ou animações); em outros casos, é feita uma narração em *off*, ou seja, só ouvimos a voz do narrador, sem vê-lo; há também entrevistas feitas em vídeo; além do recurso audiovisual, em geral há um pequeno texto no canto direito da página descrevendo o conteúdo do vídeo.

Com base nessa primeira leitura do material, partimos para o segundo exercício proposto por Bardin na fase da pré-análise, que é a escolha do *corpus* da pesquisa. Como descrito acima, o portal NexoEdu é dividido em seções. A partir dessa divisão, optamos por trabalhar com duas delas: *Para a sala de aula* e *Para pesquisa*. Esse recorte se deve não somente às limitações temporais da pesquisa, que impossibilitariam que se analisasse o portal por inteiro, mas também à adequação dessas duas seções ao objetivo deste trabalho, que é compreender de que maneira o conteúdo oferecido no portal NexoEdu pode contribuir para o ensino escolar. Assim, convém que sejam analisadas tais seções, cujos próprios nomes sugerem essa relação com a sala de aula e o conhecimento, em lugar de seções que, por exemplo, simplesmente separem o conteúdo por assunto ou que priorizem o fator da atualidade, como as seções *Por Tema* e *O que está em jogo agora*.

Para se obter maior clareza quanto às características das duas seções escolhidas para a análise, foram contabilizados os conteúdos presentes em cada uma delas. Em *Para a sala de aula*, há 122 conteúdos no total. O formato que mais aparece nessa seção é o Gráfico (48), seguido dos formatos Vídeo (29) e Interativo (18). Os formatos Especial, Explicado e Expresso aparecem 11, 10 e 4 vezes, respectivamente. Já Podcast e Reportagem aparecem, cada, apenas uma vez. Na seção *Para pesquisa* se vê um número maior de conteúdos: foram contabilizados 269 ao todo. O formato com maior número de conteúdos é o Vídeo (63). Gráfico (42), Podcast (39), Explicado (35), Especial (34) e Expresso (30) aparecem com menos, mas ainda significativas ocorrências. Já os formatos Reportagem, Entrevista, Interativo e Serviço têm pouca expressão, com respectivas 10, 7, 4 e 3 aparições. Há de se fazer uma ressalva: um total de 53 desses conteúdos aparecem em ambas as seções, o que representa 13,5% do total de

conteúdos das duas seções (391). A maioria das repetições acontecem no formato Vídeo (dos 29 na seção *Para a sala de aula*, 24 também aparecem em *Para pesquisa*).

Dada a natureza dessa pesquisa e o tempo disponível para fazê-la, foi necessário fazer outro recorte, para que o *corpus* não ficasse demasiado amplo. Optou-se, assim, por formá-lo com base nos formatos que mais aparecem dentro de cada seção. Em *Para a sala de aula*, as maiores ocorrências são dos formatos Gráfico (39%), Vídeo (23%), Interativo (14%) e Especial (9%). Em *Para pesquisa*, os formatos mais recorrentes são Vídeo (23%), Gráfico (15%), Podcast (14%) e Explicado (13%). A partir disso, foram selecionados 4 conteúdos (1 Gráfico, 1 Vídeo, 1 Interativo e 1 Especial) da seção *Para a sala de aula*, e 4 (1 Vídeo, 1 Gráfico, 1 Podcast e 1 Explicado) da seção *Para pesquisa*.

O critério para a seleção das matérias foi cronológico: dentre os formatos definidos para análise, foram escolhidos os conteúdos mais recentemente publicados em cada uma das seções. O resultado é apresentado no quadro abaixo:

Quadro 2 - Corpus da pesquisa: conteúdos, formatos e seções

N.º	Título do conteúdo	Formato	Seção	Data da publicação
1	<i>República: conceitos, marcos e rearranjos políticos no Brasil</i>	Explicado	Para pesquisa	15/11/2019
2	<i>Qual o principal tipo de energia gerado em cada estado</i>	Gráfico	Para a sala de aula	21/01/2019
3	<i>O que é o fenômeno El Niño. E como ele afeta a vida na Terra</i>	Vídeo	Para a sala de aula	21/03/2019
4	<i>Perfil do papado: a origem e o histórico dos pontífices até hoje</i>	Gráfico	Para pesquisa	24/12/2018
5	<i>O que é marxismo. E o que definitivamente não é marxismo</i>	Podcast	Para pesquisa	09/12/2018
6	<i>As mudanças políticas do México. E os desafios de Obrador</i>	Vídeo	Para pesquisa	30/11/2018
7	<i>Quem são os vices que assumiram o poder? Faça o teste</i>	Interativo	Para a sala de aula	31/07/2018
8	<i>A genealogia e o perfil dos partidos brasileiros</i>	Especial	Para a sala de aula	13/07/2018

Fonte: Elaboração própria baseada no Jornal Nexa (2019).

Para o estudo desses conteúdos, foram definidas cinco categorias de análise: contextualização, explicação, tratamento de dados, multimídia e hipertextualidade.

Levou-se em consideração dois aspectos que assumem significativa importância no trabalho do jornal Nexo e que foram previamente abordados nesta pesquisa: as características do webjornalismo, plataforma em que o jornal está inserido, e o jornalismo explicativo, que é o que ele afirma praticar. A combinação dessas duas particularidades reforça o que defendem Kovach e Rosenstiel (2014): a ideia de que o mundo digital é um ótimo exemplo da união que pode ser feita entre o que há de melhor nas técnicas de narração e a enorme disponibilidade de dados e números que se tem hoje, tornando a informação atrativa ao público.

Como afirmou Park (2008, p. 58), um repórter registra os eventos quando eles acontecem, interessando-se pelo passado e pelo futuro somente quando estes “projetam luz sobre o que é real e presente.” Na prática do jornalismo explicativo, é de maior importância a busca pelo sentido dos fatos, de modo que contextualizá-los torna-se tarefa indispensável. Da mesma forma, a explicação, presente nesse modelo de jornalismo desde seu próprio nome, também se mostra imprescindível. No terceiro capítulo desta monografia, em uma breve apresentação do que é o jornalismo explicativo viu-se que, ainda no século XX, transformações tecnológicas e no fluxo de informação levaram jornalistas e entidades da área a refletir sobre seu próprio papel dentro de uma sociedade cada vez mais complexa. Consolidou-se, a partir disso, a visão de que também é função do jornalismo explicar essa complexidade do mundo.

A presença de *tratamento de dados*, *multimedialidade* e *hipertextualidade* nos documentos a serem analisados nesta pesquisa é considerada relevante pois são aspectos do veículo estudado frequentemente destacados, tanto por ele próprio quanto por agentes externos, como instituições que premiam iniciativas em jornalismo digital e jornalismo de dados<sup>17</sup>. Com relação à contribuição desses elementos narrativos para o ensino escolar, destacamos a facilidade de compreensão e de assimilação de conteúdos que infográficos podem proporcionar ao aluno, além do estímulo à criatividade para expressar e comunicar ideias (JUNIOR; LISBOA; COUTINHO, 2011). O uso de diferentes linguagens, sintetizado no recurso da multimedialidade, revela-se de grande importância na medida em que serve como exercício para a compreensão dos sistemas de signos e a exploração das “possibilidades expressivas das diversas linguagens.” (BNCC, 2019). A consequência esperada, em termos pedagógicos, é que os jovens desenvolvam a capacidade de produzir reflexões por meio da “análise de elementos discursivos, composicionais e formais de enunciados nas diferentes semioses.” (BNCC, 2019). A hipertextualidade, nesse sentido, também pode ser compreendida sob esta óptica, visto que

---

<sup>17</sup>Em 2018, o Nexo venceu o prêmio LATAM Digital Media Awards 2018 na categoria de melhor *site* ou serviço *mobile* de notícias, oferecendo “conteúdo de qualidade, boa experiência do usuário [...] e alto valor agregado para seus leitores, nas diversas linguagens”.

propõe outra forma de leitura, que não a tradicional sequencial, e conseqüentemente outras formas de interpretação textual.

As próprias diretrizes educacionais já partem de uma perspectiva que reconhece a necessidade de se trabalhar as características do conteúdo digital em sala de aula:

Assim, propostas de trabalho que potencializem aos estudantes o acesso a saberes sobre o mundo digital e a práticas da cultura digital devem também ser priorizadas, já que, direta ou indiretamente, impactam seu dia a dia nos vários campos de atuação social e despertam seu interesse e sua identificação com as TDIC. Sua utilização na escola não só possibilita maior apropriação técnica e crítica desses recursos, como também é determinante para uma aprendizagem significativa e autônoma pelos estudantes. (BNCC, 2019).

Como foi anteriormente apontado no referencial teórico desta monografia, é preciso compreender os meios de comunicação como integrantes do processo educativo (FONTCUBERTA, 2003 apud FONTCUBERTA; BORRAT, 2006), complementando, junto ao ambiente familiar, o espaço da educação formal, isto é, a escola. Empinotti e Paulino (2018) enfatizam a realidade de países mais urbanizados, como é o caso do Brasil, em que crianças e jovens passam mais tempo em contato com a Internet, a televisão e outros meios do que na escola. Por isso, é essencial que se pense a forma como o conteúdo jornalístico vai chegar ao público, especialmente o jovem, ainda em fase de escolarização.

Assim, definidos o *corpus* e as categorias, passamos então à análise propriamente dita. A partir dela, pretende-se inferir de que maneira os conteúdos oferecidos pelo jornal Nexo por meio do seu portal NexoEdu podem contribuir com o ensino escolar.

## 4.2 Análise

Nesta etapa da pesquisa, serão exibidos os resultados da análise das 8 matérias escolhidas. Como mencionado anteriormente, a seleção dos conteúdos foi feita numa tentativa de se representar a conformação das seções *Para a sala de aula* e *Para pesquisa*, observadas na leitura flutuante realizada durante a pré-análise. Dentre as matérias escolhidas, duas são do formato Gráfico, duas do formato Vídeo, e as quatro restantes dos formatos Especial, Explicado, Interativo e Podcast. Os conteúdos foram analisados de acordo com as seguintes categorias: contextualização, explicação, dados, multimídia e hipertextualidade.

Quadro 3 – Resultados da análise: conteúdos e categorias contempladas

Conteúdo	Formato	Categoria				
		Contextualização	Explicação	Tratamento de dados	Multimedialidade	Hipertextualidade
(1) República: conceitos, marcos e rearranjos políticos no Brasil	Explicado	sim	sim	não	sim	sim
(2) Qual o principal tipo de energia gerado em cada estado	Gráfico	não	não	sim	sim	não
(3) O que é o fenômeno El Niño. E como ele afeta a vida na Terra	Vídeo	não	sim	sim	sim	não
(4) Perfil do papado: a origem e o histórico dos pontífices até hoje	Gráfico	não	não	sim	sim	sim
(5) O que é marxismo e o que definitivamente não é marxismo	Podcast	sim	sim	não	sim	sim
(6) As mudanças políticas do México e os desafios de Obrador	Vídeo	sim	sim	sim	sim	sim
(7) Quem são os vices que assumiram o poder? Faça o teste	Interativo	sim	sim	não	sim	sim
(8) A genealogia e o perfil dos partidos brasileiros	Especial	sim	sim	sim	sim	sim

Fonte: Elaboração própria baseada no Jornal Nexa (2019).

#### 4.2.1 Contextualização

Para esta categoria da pesquisa, optamos por utilizar a proposta conceitual segundo a qual *contextualizar*, no jornalismo, é:

- 1) **fornecer um background o mais detalhado possível dos acontecimentos já noticiados a respeito do mesmo tema gerador da notícia<sup>18</sup>, dentro dos limites de espaço ou tecnologias disponíveis;**
- 2) **oferecer ao leitor/espectador o máximo possível de informações relevantes relacionadas aos antecedentes**

<sup>18</sup>O termo *notícia*, aqui, é usado no sentido lato, ou seja, refere-se a qualquer conteúdo jornalístico.

**históricos e sociais do acontecimento** transformado em notícia, que o ajude a compreender esse acontecimento. (LÜCKMAN; FONSECA, 2017, p. 172, grifos nossos).

A partir disso, passamos à análise desta categoria. Dos oito materiais examinados, consideramos que cinco deles apresentaram contextualização. Especial, Explicado, Interativo e Podcast apresentaram ao menos algum tipo de contexto relacionado ao assunto abordado. Já o formato Vídeo apresentou uma situação peculiar: os dois exemplos aqui abordados são bastante diferentes, e concluímos que um deles (o Conteúdo 6) apresenta contextualização, mas o outro (o Conteúdo 3), não. A seguir, são evidenciadas as formas como os conteúdos se encaixam nesta categoria.

Um exemplo bastante ilustrativo é o Conteúdo 6, intitulado *As mudanças políticas no México e os desafios de Obrador*. O vídeo, publicado em 30 de novembro de 2018, tem duração de 10'47'' e faz um apanhado histórico político do México no século XX. O repórter especial João Paulo Charleaux, que fica sentado em um banco à frente de um fundo escuro ao longo de todo o vídeo, é o narrador. Logo no início é feita uma contextualização sobre a primeira parte do assunto: a situação política no México. Ele começa:

O ano de 2018 marcou uma mudança radical no México. Pela primeira vez em 89 anos, um político que não faz parte do PRI ou do PAN, os dois maiores partidos do país, venceu uma eleição presidencial. Essa mudança é apenas o passo mais recente de uma série de transformações do segundo maior país da América Latina, que terá de lidar com velhas questões: a relação com o vizinho Estados Unidos e a escalada da violência. (CHARLEAUX; MONTEIRO; QUADROS, 2018).

Em seguida, o jornalista afirma que é preciso “voltar no tempo” para que se compreenda o novo momento que vive o país e seus possíveis impactos no resto da América, e remete o espectador à primeira década do século XX, quando uma guerra civil que polarizou o país deu origem à Revolução Mexicana de 1910. Foi nessa época que se consagraram líderes como Ernesto Zapata e Pancho Villa. A revolução gerou uma luta de facções, com perseguições políticas, golpes e rebeliões que só diminuíram em 1924, quando Plutarco Elias Calles chegou ao poder. Ele seria o responsável pela criação, 5 anos depois, daquele que hoje é conhecido como Partido Revolucionário Institucional, o PRI, citado no início do vídeo. O PRI governou o México por 71 anos seguidos, período chamado pelo escritor Mario Vargas Llosa de “ditadura perfeita.” (CHARLEAUX; MONTEIRO; QUADROS, 2018). Levando em conta que o fim dessa hegemonia do PRI se deu há apenas 19 anos, consideramos essa primeira parte da contextualização feita no vídeo de extrema importância para se entender a atual conjuntura mexicana.

Nesse sentido, podemos considerar o Conteúdo 6 como um bom material auxiliar para a sala de aula, uma vez que, segundo a BNCC, uma das habilidades a serem atingidas pelos alunos no Ensino Médio na área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas é “analisar a formação de diferentes países, povos e nações e de suas experiências políticas e de exercício da cidadania” por meio da aplicação de conceitos políticos, como Estado, poder e regimes de governo (BNCC, 2019).

O Conteúdo 5 é outro que também se encaixa nesta categoria. Trata-se do episódio de número 63 do *Politiquês*, o podcast de política do Nexo. O episódio, intitulado *O que é marxismo e o que definitivamente não é marxismo*, tem duração de 49’16’’ e foi publicado no dia 9 de dezembro de 2018. Na maior parte do programa, quem fala são os dois entrevistados: Eduardo Wolf, doutor em filosofia e diretor do blog Estado da Arte no jornal O Estado de S. Paulo, e Celso Rocha de Barros, doutor em sociologia e colunista do jornal Folha de S. Paulo. Após as explicações sobre o que é o marxismo, o jornalista que apresenta o podcast, Conrado Corsalette, cita a revolução russa de 1917, peça chave das tentativas de se colocar o marxismo em prática que ocorreram no século XX. Celso contextualiza a ocasião:

É uma coisa que nasce sobretudo quando o Lenin cria a sua teoria do partido comunista, cria o seu modelo do partido comunista, que seria uma organização, uma verdadeira máquina de guerra, um partido ultra-centralizado que conduziria o processo de transformação histórica até o comunismo. (CORSALETTE, 2018).

O sociólogo também retoma o cenário dessas nações antes de empreenderem suas próprias leituras da teoria marxista:

O Estado russo já havia sido quebrado pela Primeira Guerra Mundial, quando os bolcheviques tomaram o poder. O Estado chinês já estava quebrado pelos japoneses quando o Mao tomou o poder na China. O comunismo chegou na Europa Oriental pelas armas, pela invasão do exército vermelho quando os nazistas foram derrotados. E quase todos os outros regimes comunistas do mundo foram fundados sobre as ruínas dos antigos impérios coloniais, [...] no bojo de guerras de independência. (CORSALETTE, 2018).

Mais adiante no programa, os convidados são questionados sobre o significado do termo marxismo cultural, muito presente no debate público brasileiro durante a campanha eleitoral de 2018. Conrado aponta que a expressão se encontra inclusive no discurso de pessoas com poder e em cargos políticos importantes, como o presidente Jair Bolsonaro e alguns de seus ministros. Eduardo, ao responder à pergunta, explica seu teor conspiratório e busca, em seguida, apontar o contexto em que o “conceito” despontou no Brasil:

O termo ‘marxismo’ acabou vindo à tona nesse quadro de tensionamento em que a esquerda, depois de [...] pouco menos de 16 anos no poder, se viu de novo na posição minoritária que ela tinha sido durante bastante tempo. Então, nesse contexto, de uma onda, como se convencionou chamar, uma onda conservadora, que na verdade era uma reação contrária ao longo período de dominação de governo do PT no Brasil, o termo acabou sendo mais veiculado. (CORSALETTE, 2018).

Consideramos que essas contextualizações são essenciais em momentos como o que o país viveu no ano de 2018 — especialmente durante o período eleitoral, em que as chamadas *fake news* tomaram conta das redes sociais de milhares de brasileiros —, e que faz parte do papel do jornalismo oferecer esse tipo de informação para esclarecer as tantas desinformações que chegam aos cidadãos. Por mais que, neste caso específico, o contexto seja dado principalmente pelos entrevistados, ainda assim o espaço em que essa discussão acontece é o meio jornalístico, a mediação é feita por um jornalista, e o próprio conteúdo assume a forma jornalística, tanto no formato, podcast, quanto no recurso que utiliza, a entrevista.

O Conteúdo 7, o Interativo *Quem são os vices que assumiram o poder? Faça o teste*, também apresenta contexto, que é evidenciado de duas maneiras: na justificativa do próprio conteúdo e, posteriormente, nas respostas às perguntas feitas ao usuário no teste proposto. Já na linha de apoio é afirmado que, ao longo da história da República no Brasil, nove vice-presidentes acabaram assumindo o mais alto cargo do poder Executivo. Em seguida, a questão da vice-presidência é trazida ao cenário brasileiro daquele momento<sup>19</sup>:

No período de convenções, entre 20 de julho e 5 de agosto, os partidos precisam oficializar seus candidatos para as eleições de 2018. Mais de dez deles pretendem lançar nomes para concorrer à Presidência da República. Mas a escolha de alguns vices está travada. (ORENSTEIN, 2018).

São descritas então as situações de 5 dos principais partidos e candidatos à presidência, todos ainda sem candidatos a vice definidos. Ao final dessa introdução, lê-se uma justificativa do porquê é preciso prestar atenção à vice-presidência: “[...] a história brasileira mostra que não é só na campanha que a figura do vice é importante: ele assumiu a cadeira de presidente, de forma definitiva, nove vezes.” (ORENSTEIN, 2018). A partir de então, o usuário pode dar início ao teste.

O sexto enunciado trata do sucessor de Jânio Quadros, que renunciou ao cargo com menos de 6 meses de governo. A resposta inicia com o nome do vice que tomou posse, João

---

<sup>19</sup>O Conteúdo 7, *Quem são os vices que assumiram o poder? Faça o teste*, foi publicado no dia 31 de julho de 2018.

Goulart, e o período de seu governo, para, em seguida, apresentar o contexto que o havia levado até ali:

Conhecido como Jango, ele era herdeiro do trabalhismo de Getúlio Vargas e havia sido vice de Juscelino entre 1956 e 1961. Nas eleições de 1960, foi novamente escolhido vice. Desta vez, porém, seu companheiro de chapa, o marechal Lott, não foi eleito para presidente, mas, sim o conservador Jânio Quadros. As eleições para vice eram separadas do pleito para presidente e naquele momento o voto “Jan-Jan” (Jânio e Jango) ganhou popularidade. (ORENSTEIN, 2018).

O último enunciado também ilustra a presença da contextualização no conteúdo em questão, e em um cenário bem mais próximo da atualidade: a sucessão da ex-presidente Dilma Rousseff. Na resposta, o contexto em que Michel Temer assumiu a presidência:

Dilma foi alvo de um processo de impeachment deflagrado em 2015 pelo então presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha, do PMDB, mesmo partido de Temer. Ela foi condenada, no Senado, presidido por Renan Calheiros, por crime de responsabilidade por manobras fiscais. Temer articulou abertamente a queda da presidente que era, antes, sua aliada. (ORENSTEIN, 2018).

De modo geral, é possível afirmar que a contextualização se faz presente nos conteúdos selecionados para o portal NexoSedu, especialmente no tratamento de temas como política e história. Dos conteúdos analisados, três não apresentaram contexto: *O fenômeno El Niño e como ele afeta a vida na Terra*, *Qual o principal tipo de energia gerado em cada estado*, e *O perfil do papado: a origem e o histórico dos pontífices até hoje*. O primeiro é do formato Vídeo; os outros dois, do formato Gráfico.

#### 4.2.2 Explicação

Esta categoria de análise terá como critério a noção de *explicação*, aqui entendida no sentido de esclarecimento ou elucidação dos fatos e assuntos.

Seis dos oito conteúdos analisados apresentam elementos considerados explicativos. São eles os conteúdos 1, 3, 5, 6, 7 e 8. Os únicos que não apresentaram nenhum aspecto identificado como explicação foram os conteúdos 2 e 4, que são também os únicos do formato Gráfico.

Um exemplo interessante do uso da explicação pode ser encontrado no Conteúdo 5, o podcast *O que é marxismo e o que definitivamente não é marxismo*, no momento em que o entrevistado Eduardo Wolf fala sobre marxismo cultural:

‘Marxismo cultural’ é uma expressão que pode designar uma abordagem do fenômeno da cultura e das diversas manifestações culturais que o acompanham a partir de uma teoria, uma concepção marxista. Nesse sentido, poderíamos ter desde a crítica literária até as especulações mais teóricas sobre a natureza da cultura a partir da filosofia de Karl Marx, de uma visão marxista, e isto configuraria o que se chamaria de um marxismo cultural. (CORSALETTE, 2018).

No trecho acima, Eduardo explica o que *poderia* ser chamado de ‘marxismo cultural’. No entanto, em seguida ele alerta que não é esse o sentido mais comum da expressão, e tampouco é esse o sentido que ela tem no debate público brasileiro. E explica:

No debate público brasileiro, sobretudo recentemente, a expressão ‘marxismo cultural’ serve, na verdade, como uma espécie de referência paranóica, oriunda de uma teoria da conspiração, para designar uma espécie de grande plano de destruição da cultura ocidental, da civilização judaico-cristã e do capitalismo liberal moderno, conspiração esta que teria no seu núcleo, originalmente, as teorias de Antonio Gramsci, o filósofo marxista italiano, György Lukács, o pensador marxista e crítico literário, teórico da literatura húngaro, e obviamente, a escola de Frankfurt [...]. (CORSALETTE, 2018).

Considerando os inflamados discursos contra esse suposto ‘marxismo cultural’ muito ouvidos durante o período eleitoral no Brasil no ano de 2018, essa diferenciação entre o significado semântico da expressão e o sentido distorcido que a ela foi associado é uma maneira de se esclarecer o tema, ajudando a desmentir teorias conspiratórias e carentes de embasamento científico.

O Conteúdo 3, *O fenômeno El Niño. E como ele afeta a vida na Terra*, é um dos que mais se caracteriza pela forte presença da explicação. O vídeo se preocupa em explicar como o evento climático El Niño acontece e quais os seus efeitos na natureza e na vida humana. Essa explicação se dá principalmente por meio da narração em *off*, mas também conta com o auxílio do recurso da animação — que, vale dizer, é uma ferramenta muito eficaz para fins de elucidação, pois pode tornar visualmente compreensível (e mais interessante) aquilo que está sendo dito.

Primeiramente, o narrador descreve como funciona a interação entre o oceano e a atmosfera no Pacífico equatorial:

Em condições normais, os ventos alísios no Oceano Pacífico carregam a água que foi aquecida pelo sol em direção ao oeste. Lá, a água é literalmente empilhada. O nível do mar é até 20 centímetros mais alto na Oceania do que na América do Sul. O calor é transferido, então, da água para o ar. Mais leve e úmido, esse ar aquecido sobe e condensa, ocasionando chuvas na região. Enquanto isso, ao longo da costa da América, as águas mais frias do fundo são

puxadas para a superfície, num fenômeno chamado de ‘ressurgência’. (MONTEIRO; QUADROS; MAIA, 2019).

Em seguida, ele afirma que é justamente quando esse equilíbrio natural é alterado que o El Niño acontece: “Ele [o El Niño] pode enfraquecer ou até mesmo reverter essa dinâmica, ou seja, a água mais quente, que era transportada para oeste, se desloca em direção à América do Sul, e as chuvas da região também se aproximam do continente.” (JORNAL NEXO, 2019). O narrador passa, então, às consequências do fenômeno:

No Brasil, o El Niño costuma produzir um aumento das temperaturas médias em todas as regiões, principalmente no sudeste e centro-oeste. As chuvas tendem a se intensificar na região sul e a diminuir na região norte e nordeste, aumentando as secas e queimadas. (MONTEIRO; QUADROS; MAIA, 2019).

Depois disso, o fenômeno oposto ao El Niño, o La Niña, é mencionado no vídeo, seguido de infográficos animados que mostram a ocorrência de ambos os eventos ao longo dos últimos 80 anos. Ao mesmo tempo em que vê o gráfico na tela, o espectador ouve a explicação do narrador:

A partir da temperatura média da superfície dos oceanos, é possível medir a intensidade e a ocorrência dos eventos. Se a região estiver mais quente do que a média, a água aquecida não está sendo transportada para oeste. É o El Niño que está em vigência. Se ela está mais fria, é La Niña. Nesse outro gráfico, fica evidente a influência dos Niños e Niñas na temperatura global. Podemos ver que o ano mais quente de cada década geralmente é um ano de El Niño. E o mais frio, um ano de La Niña. (MONTEIRO; QUADROS; MAIA, 2019).

Ao final do vídeo, há um alerta para a possibilidade de que, com as mudanças climáticas das últimas décadas, a frequência tanto do El Niño quanto do La Niña aumente. Isso reforça a importância de se compreender tais fenômenos, pois, apesar de os cientistas ainda não serem capazes de prever com precisão quando eles acontecerão, estar ciente de seu funcionamento e do que eles podem causar ajuda a sociedade a se preparar melhor para lidar com seus impactos.

Com relação à contribuição do jornalismo para a educação, destacamos que as dinâmicas climáticas fazem parte dos objetos de conhecimento definidos pela BNCC para o ensino de geografia nos anos finais do Ensino Fundamental, sendo uma das habilidades a serem desenvolvidas por alunos do sexto ano “analisar consequências, vantagens e desvantagens das práticas humanas na dinâmica climática.” (BNCC, 2019).

No Conteúdo 1, *República: conceitos, marcos e rearranjos políticos no Brasil*, a explicação também tem presença significativa, ainda que não tanto quanto se esperava considerando seu formato — Explicado. O primeiro subtítulo, *O que é o modelo de República*

*no Brasil*, já indica que ali serão descritas as características da República brasileira. O texto informa que “o Brasil deixou de ser uma monarquia para adotar um modelo de república federativa presidencialista” (JORNAL NEXO, 2019), e logo abaixo detalha o que essas três palavras, juntas, significam.

República é a forma de governo de um país, com poderes constituídos a partir da decisão de cidadãos ou representantes. Historicamente, trata-se de um contraponto à monarquia, em que o poder é hereditário.

Federativa porque é um país formado por unidades autônomas, com poder relativamente descentralizado em estados e municípios. É diferente dos países unitários, em que o governo central é quem manda em quase tudo.

Presidencialista porque a chefia de governo e de Estado estão concentrados em um só cargo. É diferente do parlamentarismo, em que o Congresso tem poderes mais amplos de administração, via primeiro-ministro. (FÁBIO, 2019).

A matéria também explica porque, na visão de muitos especialistas, a maneira como o Brasil fez a transição ao republicanismo é vista como um golpe.

A Proclamação da República brasileira é definida por muitos historiadores como golpe. Isso porque, apesar de a agitação republicana ter ocorrido abertamente durante anos, a mudança de regime ocorreu por meio da coerção, pela força de uma minoria capitaneada por militares com apoio de alguns setores civis republicanos. Foi um processo sem participação popular. (FÁBIO, 2019).

Analisando de forma mais fragmentada, a partir da identificação de outros trechos explicativos, observamos que, nesse conteúdo, há mais contextualização do que explicação propriamente dita. De qualquer forma, examinando a matéria como um todo, percebemos que o que sua essência é explicativa, propósito que atinge por meio da elucidação dos fatos que permeiam o surgimento e a evolução da república no Brasil, permitindo que o leitor aprofunde seu conhecimento sobre o tema.

Com base no que foi observado nesta categoria, podemos constatar que a explicação é uma característica que aparece na maior parte do conteúdo analisado. Os conteúdos 2 e 4, *Qual o principal tipo de energia gerado em cada estado* e *Perfil do papado: a origem e o histórico dos pontífices até hoje*, apresentam somente explicações curtas sobre os gráficos nelas exibidos, sem se aprofundar no assunto em si.

#### 4.2.3 Tratamento de dados

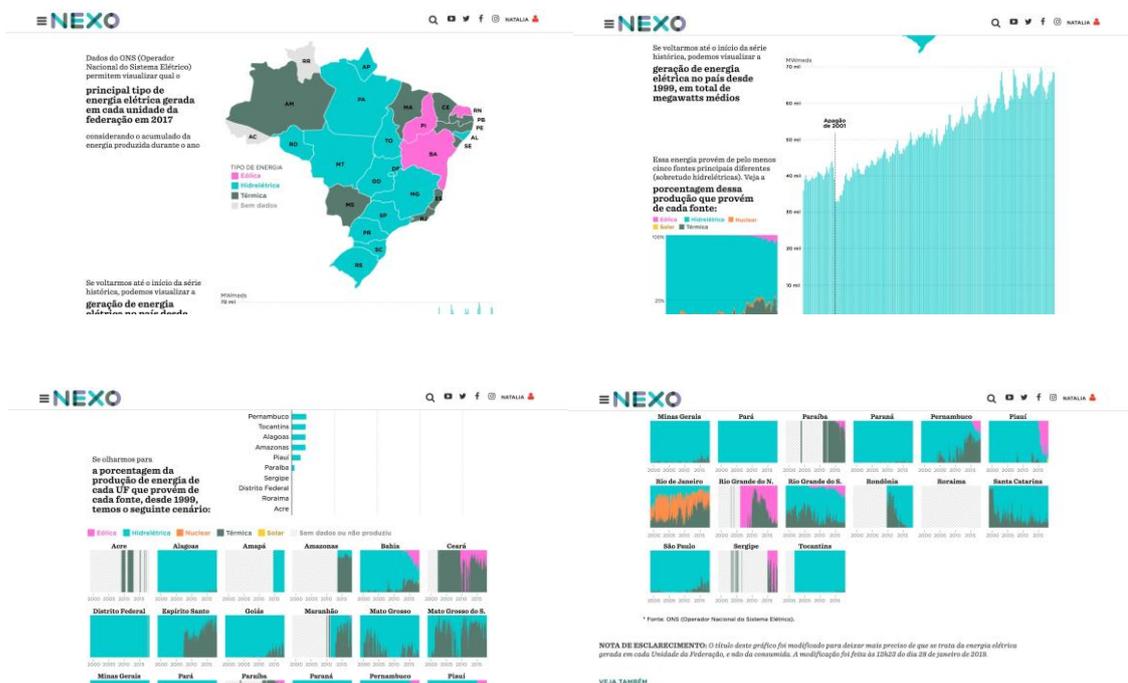
Inicialmente, demos a esta categoria o nome de “Dados”. No entanto, ao longo da análise percebemos que essa alternativa era demasiado ampla (afinal, “dado” pode significar

qualquer tipo de informação). Optamos, então, por trabalhar com a ideia de tratamento de dados, tendo como referência o jornalismo de dados. Segundo Bradshaw (2012), mais do que simplesmente utilizar dados para a elaboração de matérias, o jornalismo de dados combina o “faro para notícia” e a capacidade de contar uma história com a enorme variedade de informações digitais disponíveis hoje. A partir disso, surgem novas possibilidades ao fazer jornalístico. Para esta pesquisa, interessa uma delas: a de contar uma história por meio de infográficos atrativos — e com o auxílio de dados (BRADSHAW, 2012). Assim, nesta categoria analisaremos o uso de infográficos nos conteúdos produzidos pelo Nexo.

No total, cinco conteúdos contam com o recurso do infográfico. Os conteúdos 2 e 4, do formato Gráfico, e o Conteúdo 8, do formato Especial, são os que mais apresentam tal característica, enquanto que os conteúdos 3 e 6, do formato Vídeo, fazem um uso menos expressivo da ferramenta.

O Conteúdo 2, *Qual o principal tipo de energia gerado em cada estado*, traz cinco infográficos. O primeiro consiste em um mapa do Brasil em que os estados apresentam diferentes cores, relacionadas ao tipo de energia que geram. Ao lado da imagem, um breve texto indica que os dados, extraídos do Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS), são de 2017 e consideram o acumulado de energia produzida durante o ano.

Figura 3 - No topo, à esquerda, o infográfico 1; à direita, os infográficos 2 e 3; nas demais imagens, o infográfico 5



Fonte: Jornal Nexo (2019).

Já o segundo e o terceiro infográficos mostram, respectivamente, a geração de energia elétrica no país desde 1999 e o quanto é produzido pelas cinco principais fontes dessa energia. O quinto infográfico reúne 27 pequenos gráficos, cada um representando porcentagem da produção de energia proveniente de cada fonte em cada unidade da federação, desde 1999. Consideramos este último um exemplo interessante, pois evidencia o didatismo e a abrangência que um conteúdo jornalístico pode oferecer, tornando grandes volumes de informação mais inteligíveis e acessíveis. Além disso, de acordo com a BNCC (2019):

Uma das competências específicas da área de ciências da natureza e suas tecnologias no Ensino Médio envolve: analisar fenômenos naturais e processos tecnológicos, com base nas interações e relações entre matéria e energia, para propor ações individuais e coletivas que aperfeiçoem processos produtivos, minimizem impactos socioambientais e melhorem as condições de vida em âmbito local, regional e global.

Os infográficos supracitados ajudam a compreender a dinâmica da produção de energia elétrica no país, podendo servir como material de apoio para atividades em sala de aula ou para pesquisas sobre do tema.

O Conteúdo 4, *Perfil do papado: a origem e o histórico dos pontífices até hoje*, também traz infográficos visualmente interessantes. Assim como no Conteúdo 2, o primeiro deles compreende um mapa, no qual se pode observar os países onde nasceram os papas desde o ano 30 d.C. A maior parte deles veio da Itália, e Francisco, o atual papa, foi o primeiro da América do Sul. O terceiro infográfico mostra a duração dos pontificados ao longo do tempo. Visualmente, ele não possui muita clareza. Os dois últimos, por sua vez, são bastante simples em sua forma, pois utilizam o tradicional gráfico em barras. O quarto exhibe os nomes mais comuns entre os pontífices, enquanto o quinto apresenta as causas do fim dos pontificados.

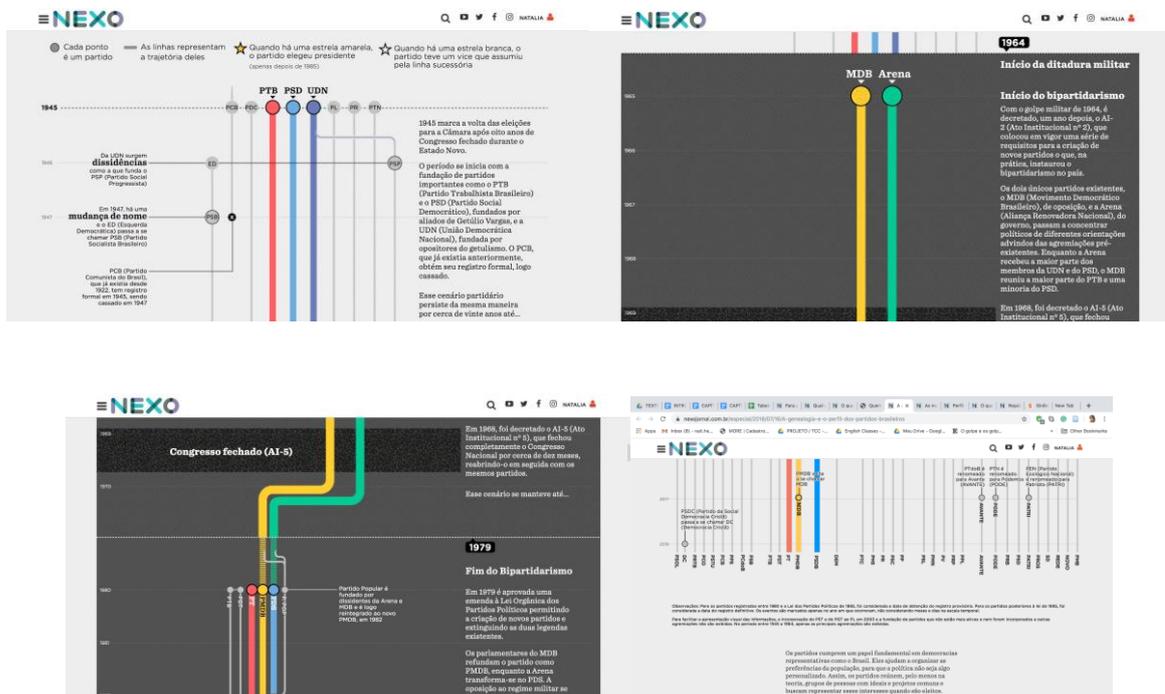
Julgamos que esse conteúdo, no que diz respeito ao tema, em um primeiro momento não parece tão relevante quanto os outros aqui analisados, ainda que gere curiosidade e talvez possa ser utilizado em pesquisas escolares sobre religiões ou sobre a Igreja Católica. A única ressalva quanto aos infográficos em si é quanto à dificuldade de leitura do terceiro.

Nos conteúdos 3 e 6, a presença de infográficos é breve: em ambos, o recurso aparece mais próximo do final, servindo para ilustrar a informação dita pelo narrador. No vídeo sobre o fenômeno El Niño (3), há dois infográficos: o primeiro deles mostra a intensidade e a ocorrência de El Niño e La Niña de acordo com as variações de temperatura na superfície do oceano; o segundo evidencia a influência desses eventos climáticos na temperatura do planeta.

Já no Conteúdo 6, que trata das mudanças políticas no México, o infográfico apresenta dados sobre as exportações do país em 2017: o país que mais importou artigos mexicanos foi os Estados Unidos (US\$303 bilhões), seguido do Canadá (US\$10,4 bilhões). Essas informações sustentam o que o narrador revela: “Em 2017, 80% de tudo que o México exportou foi para o Nafta<sup>20</sup>”.

O Conteúdo 8, “A genealogia e o perfil dos partidos brasileiros”, consiste em um longo infográfico, em forma de linha do tempo, que mostra as origens dos partidos políticos do país e momentos importantes na história recente brasileira.

Figura 4 - Partes do conteúdo 8: *A genealogia e o perfil dos partidos brasileiros*



Fonte: Jornal Nexa (2019).

Consideramos este infográfico, de fácil entendimento e ampla abrangência, mais um exemplo de um conteúdo atrativo que pode auxiliar alunos e professores no aprofundamento de um determinado tema. Nesse sentido, vale mencionar o que consta na BNCC em relação à área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas para o Ensino Médio: segundo o documento, está entre as competências específicas para os estudantes desta etapa “participar do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da

<sup>20</sup>Sigla em inglês para *Tratado norte-americano de livre comércio*.

cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.” (BNCC, 2019).

O tratamento de dados, presente em cinco dos oito conteúdos analisados nesta pesquisa, assim como é um grande aliado do jornalismo, também pode ser uma ferramenta muito útil na esfera da educação, facilitando a visualização de volumes de informações muito grandes ou complexos e tornando mais atrativos e instigantes assuntos que, em tese, talvez não despertassem tanto interesse no público — especialmente o jovem.

#### 4.2.4 *Multimedialidade*

Como foi apontado no terceiro capítulo deste trabalho, a *multimedialidade*, segundo Salaverría (2014, p. 30) combina “pelo menos dois tipos de linguagem em apenas uma mensagem”. Retomamos os seis elementos, dos oito elencados pelo autor, que nos interessam nesta pesquisa: texto, fotografia, gráficos<sup>21</sup>, vídeo, animação e discurso oral.

A presença do fator multimidiático no material analisado foi unânime: em todos os oito conteúdos são combinados ao menos dois elementos. Os conteúdos 3 e 6 (Vídeo) foram os que apresentaram mais diversidade com relação ao uso dos recursos multimídia: ambos utilizam texto, vídeo, gráficos e discurso oral — o Conteúdo 3 ainda utiliza o recurso da animação. O Conteúdo 1 recorre ao texto, à fotografia e ao vídeo. No quadro abaixo, estabelecemos a relação entre os conteúdos e os tipos de elemento multimídia utilizado.

---

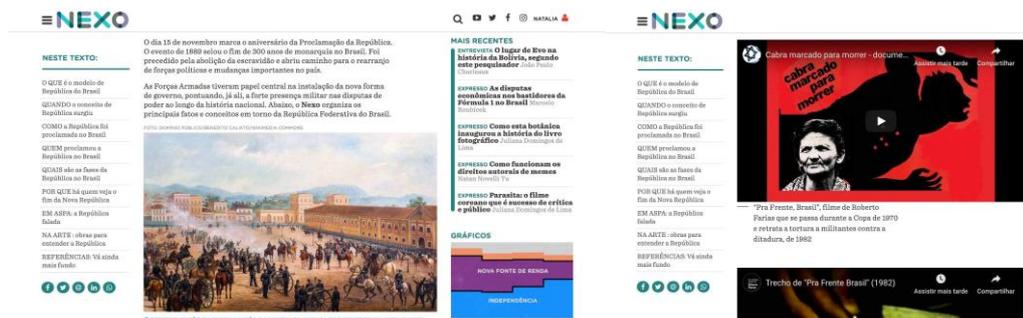
<sup>21</sup>Originalmente, Salaverría (2014) reúne no terceiro elemento gráficos, iconografia e ilustrações estáticas. Neste trabalho, optamos por trabalhar somente com os gráficos, recurso que nos interessa mais para tratar da relação entre o material jornalístico e o ensino escolar.

Quadro 4 - Multimídia: conteúdos e elementos utilizados

Conteúdo	Formato	Elementos multimídia					
		Texto	Fotografia	Gráfico	Vídeo	Animação	Discurso oral
1	Explicado	x	x		x		
2	Gráfico	x		x			
3	Vídeo	x		x	x	x	x
4	Gráfico	x		x			
5	Podcast	x					x
6	Vídeo	x		x	x		x
7	Interativo	x	x				
8	Especial	x		x			

Fonte: Elaboração própria baseada no Jornal Nexo (2019).

O Conteúdo 1, *República: conceitos, marcos e rearranjos políticos no Brasil*, do formato Explicado, tem o uso predominante de texto e é dividido em nove partes, que podem ser acessadas rolando para baixo, na forma de um texto corrido, ou separadamente, por meio de um menu que fica no canto esquerdo da tela. Em todas as partes há uma fotografia, exceto nas últimas três: *Em aspa*, *Na arte* e *Vá ainda mais fundo*. Algumas delas são retratos de agentes políticos na história da República, outras são de momentos marcantes relacionados ao surgimento e desenvolvimento das repúblicas no país e no mundo. Em *Na arte*, contudo, pode-se ver quatro vídeos, embedados do *Youtube*, que trazem filmes ou trechos de filmes que tratam da temática “República”.

Figura 5 - Partes do Conteúdo 1: *República: conceitos, marcos e arranjos políticos no Brasil*

Fonte: Nexo (2019).

Como foi mencionado anteriormente, o Conteúdo 3, *O que é o fenômeno El Niño. E como ele afeta a vida na Terra*, é também um exemplo marcado pela multimídia. O vídeo, que tem duração de 4'03'', é o principal elemento utilizado, sendo praticamente a narrativa inteira construída a partir dele. O texto aparece apenas no título e em uma breve introdução do conteúdo — e também em alguns momentos do vídeo, como legenda e nos créditos finais. Essa disposição de elementos nos remete ao conceito de hierarquização<sup>22</sup> proposto por Salaverría (2014). O autor defende que existem critérios que podem auxiliar na composição do conteúdo multimidiático para que ele seja atrativo e inteligível.

No próprio vídeo, o conceito de multimídia é bastante explorado (para além da combinação audiovisual, isto é, de som e imagem): a animação é um recurso que, junto com o discurso oral, predomina ao longo do vídeo. Ambos servem para explicar o fenômeno El Niño, sendo o que é dito pelo narrador em off demonstrado visualmente pela animação, de maneira bastante didática e ilustrativa.

Ainda são utilizados dois gráficos animados: no primeiro deles, a partir da temperatura média da superfície dos oceanos, as anomalias de temperatura registradas indicam a ocorrência dos eventos climáticos El Niño e La Niña; no segundo, é evidenciada a influência de ambos os fenômenos na temperatura global.

Figura 6 - Conteúdo 3: *O fenômeno El Niño. E como ele afeta a vida na Terra*; à direita, o recurso da animação; à esquerda, um infográfico



Fonte: Jornal Nexo (2019).

O conteúdo de número 6, *As mudanças políticas do México. E os desafios de Obrador*, apresenta os mesmos elementos do Conteúdo 3, exceto pela animação. Vale ressaltar o uso de

<sup>22</sup>Hierarquizar, nesse sentido, consiste em identificar que linguagem é mais adequada para transmitir certa informação.

um gráfico animado que apresenta, ao longo de todo o vídeo, uma linha do tempo que destaca anos importantes na história do México.

Os conteúdos 2 e 4, do formato Gráfico e intitulados *Qual o principal tipo de energia gerado em cada estado* e *Perfil do papado: a origem e o histórico dos pontífices até hoje*, respectivamente, fazem pouco uso da multimídia, combinando apenas dois elementos: gráfico e texto. O elemento predominante é o Gráfico, sendo o texto apenas utilizado no título (do conteúdo e dos gráficos), na linha de apoio e para eventuais e breves explicações sobre o que está exposto no diagrama.

Os conteúdos 5 e 7 também apresentam multimídia de maneira limitada. O primeiro, o podcast *O que é marxismo. E o que definitivamente não é marxismo*, tem predominância do discurso oral, sendo o texto utilizado somente no título, linha de apoio e descrição do conteúdo. O texto também aparece abaixo do tocador, onde são disponibilizados links para acesso a outras plataformas em que se pode escutar o podcast e a materiais de referência sobre o assunto. Já o Conteúdo 7, *Quem são os vices que assumiram o poder? Faça o teste*, do formato Interativo, é basicamente textual, trazendo apenas uma fotografia, abaixo da linha de apoio, em que aparecem João Goulart e Tancredo Neves, dois ex-vice-presidentes que assumiram a presidência no Brasil.

Ainda que alguns conteúdos não explorem a multimídia tanto quanto outros, a totalidade dos conteúdos analisados nesta pesquisa apresentaram esta característica em algum nível.

#### 4.2.5 Hipertextualidade

Hipertexto é “um texto com várias opções de leitura que permite ao leitor efetuar uma escolha.” (CANAVILHAS, 2014, p. 4). Em outras palavras, ele consiste em uma possibilidade de leitura não-sequencial. Para esta categoria, optamos por utilizar como critério os dois principais recursos que permitem essa autonomia ao usuário: os blocos informativos<sup>23</sup> e as hiperligações<sup>24</sup> (links).

Dos oito conteúdos analisados, cinco se utilizam da hipertextualidade: os conteúdos 1, 4, 5, 7 e 8, cujos formatos são, respectivamente, Explicado, Gráfico, Podcast, Interativo e

---

<sup>23</sup>Bloco informativo aplica-se a todo o tipo de conteúdo, sejam textos, imagens fixas, imagens em movimento, sons ou infografias (CANAVILHAS, 2014).

<sup>24</sup>Hiperligação é o elemento que permite a ligação entre dois blocos informativos (CODINA, 2003 *apud* CANAVILHAS, 2014, p. 7).

Especial. Os conteúdos que não se encaixam nessa categoria são os de número 2, 3 e 6, sendo o primeiro do formato Gráfico e os outros dois, Vídeo.

Para uma melhor descrição da análise, optamos por dividir essa categoria em duas partes, de acordo com as duas características anteriormente citadas: as hiperligações e os blocos informativos.

Todos os conteúdos que atendem ao critério da hipertextualidade, exceto o de número 4, utilizam hiperligações. No Podcast *O que é marxismo e o que definitivamente não é marxismo*, encontramos hiperligações que são utilizadas para que o usuário possa ouvir o conteúdo em outras plataformas. Contudo, aqui interessa mais as que vêm logo abaixo, que permitem ao ouvinte expandir seu conhecimento sobre os assuntos tratados no podcast explorando outros materiais (quatro deles são conteúdos produzidos pelo próprio Nexo; o outro é uma versão em *pdf* do Manifesto Comunista, documento escrito por Karl Marx em co-autoria com Friedrich Engels e citado no programa).

O Conteúdo 8, o Especial *A genealogia e o perfil dos partidos brasileiros*, conta com uma seção interativa que permite ao usuário descobrir mais sobre os partidos políticos (é possível selecionar qualquer um dentre os 35 existentes). As informações extras são distribuídas de acordo com seis perguntas previamente estabelecidas, e logo abaixo há uma hiperligação que redireciona o usuário ao site oficial do partido em questão.

Os conteúdos acima citados são exemplos que respaldam o que afirma Canavilhas (2014): por meio do hipertexto (e consideramos que a hiperligação é o instrumento que melhor efetiva isto), o jornalista pode adicionar ao texto tudo o que considera essencial para que o leitor tenha o máximo possível de informação disponível, melhorando assim sua compreensão sobre o tema.

Com relação aos blocos informativos, percebemos que todos os conteúdos que apresentam hipertextualidade contêm esse recurso — isto é, os conteúdos de número 1, 4, 5, 7 e 8. Os blocos informativos são outra característica importante do webjornalismo, e atestam a descentralização proporcionada pelo hipertexto, já que há a possibilidade de outros blocos, que não o que dá início ao conteúdo, servirem como porta de entrada para a leitura.

É o que acontece no Conteúdo 1, *República: conceitos, marcos e rearranjos políticos no Brasil*. Como é comum ao formato Explicado do Nexo, a matéria é dividida em várias partes, sendo cada uma delas geralmente direcionadas a responder às perguntas: “o quê”, “quem”, “como”, “quando”, “onde” e “por quê”. No lado esquerdo da tela há um menu por meio do qual cada parte pode ser acessada sem a necessidade de se passar pelas outras. O menu é um

instrumento que aparece com frequência no webjornalismo, especialmente em reportagens ou séries especiais, e é uma forma eficiente de efetivar a autonomia de leitura ao usuário.

O Conteúdo 4, *Perfil do papado: a origem e o histórico dos pontífices até hoje*, também pode servir como exemplo do uso de blocos informativos. A matéria, do formato Gráfico, contém cinco diagramas e, ainda que não apresente o recurso do menu, cada um desses gráficos é independente um do outro. Isso significa que a leitura não é prejudicada caso se opte por começá-la por algum outro que não o primeiro deles.

Da mesma forma, no Conteúdo 8, o Especial sobre os partidos brasileiros, o usuário não precisa necessariamente ler ou compreender tudo o que é apresentado na linha do tempo para usufruir da parte interativa que aparece ao final da matéria. Assim, é possível afirmar que tanto o infográfico quanto a seção interativa que traz mais informações sobre cada um dos partidos constituem blocos informativos independentes.

#### 4.3 Considerações sobre a análise

Para finalizar esta etapa da pesquisa, voltamos à questão que a orienta: de que maneira os conteúdos oferecidos pelo jornal Nexo por meio do seu portal NexoEdu podem contribuir com o ensino escolar?

A partir das categorias estabelecidas, analisamos como a presença de contextualização, explicação, tratamento de dados, multimídia e hipertextualidade no material selecionado pode ser considerada proveitosa para fins educativos. Com base nessa análise, concluímos que estes aspectos estão presentes na maioria dos conteúdos que compõem o *corpus* da pesquisa e que, por meio deles, esses conteúdos contribuem para o ensino. Além dos temas abordados, que em grande parte compõem o currículo escolar, a forma como os conteúdos são apresentados é didática e aprofundada, favorecendo um melhor entendimento dos assuntos pelos alunos.

A característica que apareceu com maior frequência foi a multimídia, presente em todos os conteúdos. A explicação foi a segunda característica mais evidenciada, manifestando-se em um total de seis conteúdos. Contextualização, tratamento de dados e hipertextualidade apareceram em cinco dos oito conteúdos. Com relação à presença desses elementos nos formatos analisados, é possível dizer que o Especial foi o que apresentou o maior número, tendo se encaixado em todas as cinco categorias.

No que diz respeito às estratégias pedagógicas, salientamos a multimídia e a explicação, ambas presentes na maioria dos conteúdos. A primeira apresenta um caráter

dinâmico, permitindo que um mesmo assunto seja explorado de diversas maneiras (como é o caso dos Conteúdos 3 e 6, do formato Vídeo). Os dois combinam elementos visuais e sonoros, de modo que a elucidação dos fatos feita pelos narradores é complementada por animações, infográficos e fotografias. Já a segunda funciona na medida em que esclarece temas complexos a partir de contextualizações, conceitualizações e organizações cronológicas, como acontece nos conteúdos 1 (Explicado) e 6.

Ainda pensando nas duas categorias mencionadas acima, retomamos o que foi visto no primeiro capítulo deste trabalho com relação a três conceitos que o jornalista deve ter em mente para definir como a pauta será trabalhada (KOVACH; ROSENSTIEL, 2014): peças explicativas<sup>25</sup>, vozes<sup>26</sup> e visual<sup>27</sup>. Apesar de não terem sido necessariamente pensadas visando à produção de matérias orientadas para o público escolar, percebemos que estes três conceitos estão presentes nos conteúdos aqui analisados e dialogam justamente com o que o veículo se propõe a fazer. Para citar alguns exemplos dentro do *corpus* analisado, assuntos de maior complexidade são tratados por meio de formatos como Explicado ou Especial; temáticas como o marxismo são explicadas por duas fontes especializadas convidadas a participar de um podcast; infográficos são opção recorrente para ilustrar um volume muito grande de dados.

Como foi mencionado anteriormente, pensar em aproximações entre jornalismo e educação requer uma reflexão sobre a função da imprensa na sociedade, em especial em uma sociedade altamente midiaticizada como é a nossa. Park (2008) afirma que a notícia tem como uma de suas finalidades ajudar o indivíduo a interpretar a realidade — finalidade esta que compartilha com a escola: como foi elucidado no início deste trabalho, é responsabilidade da instituição escolar proporcionar experiências que garantam aprendizagens que possibilitem a leitura da realidade.

A partir dessa reflexão, podemos considerar a contextualização um elemento fundamental para que um indivíduo possa se situar em uma determinada realidade. O Conteúdo 6 é um bom exemplo de como a produção jornalística pode vir a ser um instrumento que auxilie, no âmbito escolar, o cumprimento da finalidade acima destacada. O México pode não fazer

---

<sup>25</sup>Funcionam melhor quando há uma possibilidade de se investigar como algo funciona ou por que aconteceu. São também uma maneira de se aprofundar o conhecimento sobre o mundo, explicando a forma como um fato evoluiu e outros aspectos que possam ampliar o entendimento sobre o tema.

<sup>26</sup>Se existem pessoas que podem elucidar um fato e torná-lo mais compreensível e cativante para a audiência, deve-se pensar neste recurso e, a partir disso, definir que plataforma tem o maior potencial de facilitar essa interação entre os jornalistas ou as fontes e o público.

<sup>27</sup>É possível que ilustrações, fotografias, gráficos ou vídeos funcionem melhor do que um texto, dependendo da pauta em questão.

parte da realidade mais próxima e concreta dos estudantes brasileiros, mas trata-se do segundo maior país da América Latina e, assim como o Brasil, é uma nação fortemente marcada pela violência decorrente de questões relacionadas ao narcotráfico e à política de guerra às drogas. Da mesma forma, a partir da leitura do Conteúdo 8, o especial sobre os partidos políticos brasileiros, é possível entender em que cenários surgiram, que ideologias e princípios seguem e qual a dimensão de sua representatividade na política nacional, aspectos elementares para que os alunos compreendam melhor o sistema pluripartidário brasileiro, suas vantagens e complicações. Isso é essencial para uma leitura fundamentada da realidade — além de servir para que, quando se tornarem eleitores, os jovens estejam bem-informados para participarem do processo eleitoral.

Reiteramos o que foi comentado na etapa da análise com relação ao tratamento de dados: assim como colaboram de muitas formas com o jornalismo, infográficos são ótimos recursos a serem utilizados em sala de aula, pois facilitam a visualização de informações volumosas e a própria compreensão de determinados assuntos demasiado complexos. Além disso, são mais atrativos, podendo despertar maior interesse dos alunos — característica que se encaixa em um dos princípios do jornalismo apontados por Kovach e Rosenstiel (2014): o jornalismo deve se esforçar para fazer o significativo interessante e relevante. No caso dos conteúdos aqui analisados, destacamos o Conteúdo 2, do formato Gráfico, que apresenta, em infográficos, dados sobre a produção de energia no Brasil.

Por fim, reforçamos também a conveniência da hipertextualidade presente nos conteúdos jornalísticos examinados para seu uso em sala de aula. O hipertexto permite ao jornalista adicionar tantas informações quanto ele achar necessário, potencializando a compreensão do leitor. É o caso de conteúdos como o 1 (Explicado), 5 (Podcast) e 8 (Especial), em que se percebe o uso de hiperligações para expandir as possibilidades de leitura e de aquisição de informações para além daquelas expostas na matéria. Além disso, a ideia de blocos informativos que sejam independentes pode ser interessante do ponto de vista educativo para se trabalhar trechos de reportagens que talvez sejam muito extensas para serem utilizadas em aula.

Em síntese, esta análise nos permite inferir que os conteúdos do portal NexoSedu aqui estudados podem contribuir para o ensino escolar por meio, principalmente, de cinco recursos: contextualização, explicação, tratamento de dados, multimídia e hipertextualidade. Como afirma Fontcuberta (2003 apud FONTCUBERTA; BORRAT, 2006), os meios de comunicação são hoje referência no universo educacional, o que nos compele a olhar para eles como integrantes do processo educativo — e, nesse contexto, mais do que aceitar sua participação,

devemos nos utilizar de seu potencial didático e informativo, explorando e legitimando aquela que também é considerada uma de suas funções: a educadora.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa se propôs a analisar a maneira como os conteúdos oferecidos pelo jornal Nexo, por meio do seu portal NexoEdu, podem contribuir para o ensino escolar. Para tanto, no segundo capítulo foi feita uma discussão sobre aproximações entre jornalismo e educação, bem como as finalidades do jornalismo — sendo uma delas, sua função educadora. No terceiro capítulo, foram trazidas características do webjornalismo e do jornalismo explicativo que ajudassem a descrever o objeto a ser estudado.

A relação entre comunicação e educação foi apresentada a partir da visão de estudiosos do campo da educomunicação. Segundo autores como Baccega (2011, p. 32), “a escola já não é mais o único lugar de saber”: hoje, outros canais também são peças chave na difusão do conhecimento — dentre eles, os meios de comunicação. Por isso, é fundamental que se reconheça seu papel no processo educativo e de construção da cidadania. Também foram discutidas as noções de jornalismo enquanto forma de conhecimento (PARK, 2008) e produtor de conhecimento (MEDITSCH, 1997), a partir das quais se pode pensar o conteúdo jornalístico enquanto revelador de uma visão singular da realidade, proporcionando, assim, uma maneira complementar de se compreender o mundo.

Além disso, buscamos nas teorias do jornalismo autores que reforçassem a noção de responsabilidade que o jornalismo deve ter para com a educação, o que foi essencial para justificar o problema de pesquisa aqui apresentado. Kovach e Rosenstiel (2014) defendem que é finalidade do jornalismo fornecer aos cidadãos as informações de que precisam para serem livres e se autogovernarem; Park (2008) acreditava que uma das funções da notícia era ajudar os indivíduos a interpretar a realidade. Ambas as perspectivas dialogam com aquela apontada por Fontcuberta e Borrat (2006) e Empinotti e Paulino (2018): a função educadora do jornalismo.

Foram apresentados ainda alguns dos elementos do jornalismo considerados princípios básicos à profissão (KOVACH E ROSENSTIEL, 2014), como a obrigação com a verdade, a disciplina de verificação e o esforço para fazer significativo relevante e interessante. Reunimos estes aspectos com o objetivo de compreender um pouco melhor a base dessa atividade e pensar em como o produto jornalístico pode ser utilizado como ferramenta de ensino. Com o mesmo intuito, discutimos também as potencialidades do jornalismo digital por meio das características do webjornalismo, além das especificidades do jornalismo explicativo, duas particularidades do jornal Nexo que, como concluímos, juntas podem ser grandes aliadas do processo educativo.

A partir destas reflexões, pudemos estabelecer as categorias de análise, levando em conta as aproximações entre jornalismo e educação, especialmente no que diz respeito às suas funções sociais. Ambos possuem em suas diretrizes objetivos como ajudar na interpretação da realidade e na construção da cidadania, os quais talvez possam alcançar com maior facilidade e potência na medida em que houver uma colaboração entre as duas áreas.

Assim, foram estabelecidas 5 categorias de análise, tendo como referência as características do jornalismo explicativo e do webjornalismo presentes no material, além de características da produção do próprio veículo. Foram elas: contextualização, explicação, tratamento de dados, multimídia e hipertextualidade. A partir da definição das categorias, analisou-se a presença dessas características em oito matérias disponibilizadas em duas seções do portal: *Para a sala de aula* e *Para pesquisa*. O critério para a seleção do material foi cronológico.

Com base nos resultados obtidos, concluímos que, por meio de recursos utilizados no jornalismo explicativo, como a contextualização e a explicação, e possibilitados e potencializados pelo jornalismo digital, como o tratamento de dados, a multimídia e a hipertextualidade, os conteúdos analisados tornam-se mais atrativos, claros e contextualizados e, conseqüentemente, adquirem um caráter didático que lhes permite contribuir com o ensino em sala de aula. Foi possível inferir também que, além dos elementos específicos das categorias de análise, as temáticas abordadas enriquecem o potencial educativo das matérias.

Também é importante destacar algumas limitações que esta pesquisa apresenta. Uma delas é a falta de aprofundamento das teorias do campo da educação, que se deu especialmente por dois motivos: a questão do tempo e do espaço, visto que esta é uma monografia de conclusão de curso; e o fato de que este trabalho parte do campo do jornalismo, ou seja, busca pensar no compromisso do jornalismo com relação à educação, e não vice-versa. Do ponto de vista acadêmico, seria interessante, como um possível desdobramento desta pesquisa, que a temática educacional fosse aprofundada.

Outro fator limitante foi a abrangência do *corpus* de análise, o que também ocorreu principalmente devido à carência de tempo. O conteúdo do jornal Nexo se caracteriza por sua extensão e aprofundamento, de modo que seria inviável realizar uma análise detalhada de uma quantidade muito maior de conteúdos.

De qualquer modo, consideramos que a pesquisa cumpriu com seu propósito de forma satisfatória, tendo atingido seu objetivo geral, que consistia em analisar a maneira como os conteúdos do portal NexoEdu contribuem para o ensino escolar, bem como seus objetivos específicos: mapear os tipos de conteúdos (formatos) presentes no jornal Nexo e no portal

NexoEdu; analisar a disposição de conteúdos dentro do portal; analisar conteúdos selecionados disponibilizados no portal; identificar recursos de caráter pedagógico no material analisado; discutir o conceito de jornalismo como forma de conhecimento e refletir sobre o papel educativo do jornalismo.

Em suma, este trabalho buscou colaborar com o amplo debate sobre as funções sociais do jornalismo e a sua responsabilidade enquanto um dos principais meios responsáveis pela difusão do conhecimento. Acreditamos que a relação entre jornalismo e educação é algo que pode e deve ser muito mais explorado, especialmente em um momento como o que vivemos no país. Ambas as áreas são constantemente atacadas e precarizadas por agentes do governo — e, em certos casos, pela própria população. São, contudo, duas instituições sociais que funcionam como pilares para a construção e a manutenção de uma sociedade democrática, e devem, por isso, ser preservadas.

## REFERÊNCIAS

- BACCEGA, Maria Aparecida. Comunicação/educação e a construção de nova varável histórica. In: CITELLI, Adílson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho (Org.). **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. Paulinas: São Paulo, 2011.
- BARBERO, Jesús Martín. Desafios culturais: da comunicação à educomunicação. In: CITELLI, Adílson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho (Org.). **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. Paulinas: São Paulo, 2011.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BARNHURST, Kevin. Contradictions in news epistemology: how modernism failed mainstream US journalism. **Media, Culture & Society**, v. 37, p. 1244–1253, 2015.
- BERGANZA, Maria Rosa. A contribuição de Robert E. Park, o jornalista que se converteu em sociólogo, à teoria da informação. In: BERGER, Christa; MAROCCO, Beatriz. **A era glacial do jornalismo: teorias sociais da imprensa**, v. 2. Porto Alegre: Sulina, 2008.
- BERGER, Christa; MAROCCO, Beatriz. **A era glacial do jornalismo: teorias sociais da imprensa**, v. 2. Porto Alegre: Sulina, 2008.
- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 2013.
- BRADSHAW, Paul. What Is Data Journalism? In: GRAY, Jonathan; BOUNEGRU, Liliana; CHAMBERS, Lucy (org.). **The Data Journalism Handbook**. United States of America, jul. 2012. Disponível em: [https://datajournalismhandbook.org/uploads/first\\_book/DataJournalismHandbook-2012.pdf](https://datajournalismhandbook.org/uploads/first_book/DataJournalismHandbook-2012.pdf). Acesso em: 23 nov. 2019.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Base Nacional Comum Curricular**. Diário Oficial da União, Brasília, 23 de dezembro de 1996. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_verseofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_verseofinal_site.pdf). Acesso em: 20 set. 2019.
- CANAVILHAS, João. Hipertextualidade: Novas arquiteturas noticiosas. In: CANAVILHAS, João. (Org.). **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Covilhã: Livros LabCom, 2014. p. 3-24. Disponível em: <https://goo.gl/BSNLmX>. Acesso em: 20 set. 2019.
- CITELLI, Adílson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho. **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. Paulinas: São Paulo, 2011.
- CHARLEAUX, João Paulo; MONTEIRO, Ricardo; QUADROS, Thiago. **As mudanças políticas do México e os desafios de Obrador**. Vídeo (10'47''). Jornal Nexo, 2018. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/video/video/As-mudan%C3%A7as-pol%C3%ADticas-do-M%C3%A9xico.-E-os-desafios-de-Obrador>. Acesso em: 20 nov. 2019.
- CORSALETTE, Conrado. Podcast **O que é Marxismo e o que definitivamente não é marxismo**. [Locução de]: Celso Rocha de Barros e Eduardo Wolf. Jornal Nexo, 2018. *Podcast*.

Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/podcast/2018/12/09/O-que-%C3%A9-marxismo.-E-o-que-definitivamente-n%C3%A3o-%C3%A9-marxismo>. Acesso em: 20 nov. 2019.

DAMASCENO, Patricia Lopes; GRUSZYNSKI, Ana Cláudia; HOEWELL, Gabriel Rizzo. **As formas do (ciber)jornal**. In: Edição: agentes e objetos [recurso eletrônico]. Belo Horizonte: PPGCOM/UFMG, 2018. p. 161-2.

EMPINOTTI, Maria Lisboa; PAULINO, Rita de Cássia Romeiro. Aproximações entre Jornalismo e Educação. **Comunicação & Educação**, v. 23, n. 1, jan-jun 2018. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/117506>. Acesso em: 18 nov. 2019.

ESTARQUE, Marina. **Além da notícia**: site brasileiro inova ao investir em jornalismo de contexto e multidisciplinar. Texas: Centro Knight, 2019. Série Jornalismo nas Américas. Disponível em: <https://knightcenter.utexas.edu/pt-br/blog/00-18238-alem-da-noticia-site-brasileiro-inova-ao-investir-em-jornalismo-de-contexto-e-multidis>. Acesso em: 11 set. 2019.

FÁBIO, André Cabette. **República**: conceitos, marcos e rearranjos políticos no Brasil. *Jornal Nexo*, 2019. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/explicado/2019/11/15/Rep%C3%BAblica-conceitos-marcos-e-rearranjos-pol%C3%ADticos-no-Brasil>. Acesso em: 20 nov. 2019.

FINK, Katherine; SCHUDSON, Michael. **The rise of contextual journalism, 1950s-2000s**. *Journalism*, p. 3-20. fev, 2014.

FONTCUBERTA, Mar de; BORRAT, Héctor. **Periódicos**: sistemas complejos, narradores em interacción. In: Estudios sobre el mensaje periodístico. Buenos Aires: La Crujía, 2006.

FORDE, Kathy. Discovering the explanatory report in American newspapers. **Journalism Practice**, v. 1, n. 2, 2007, p. 227-244. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/17512780701275531>. Acesso em: 17 set. 2019.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A fabricação do presente**: como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2005.

GADOTTI, Moacir. **Qualidade na educação**: uma nova abordagem. In: CONGRESSO DE EDUCAÇÃO BÁSICA: QUALIDADE NA APRENDIZAGEM, 2013, Florianópolis. Disponível em: [http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/14\\_02\\_2013\\_16.22.16.85d3681692786726aa2c7daa4389040f.pdf](http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/14_02_2013_16.22.16.85d3681692786726aa2c7daa4389040f.pdf). Acesso em: 20 set. 2019.

HOEWELL, Gabriel Rizzo. **A configuração da informação no contexto da convergência jornalística**: uma análise do *Nexo*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 184f. 2018.

JORNAL NEXO. **Sobre**. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/>. Acesso em: 20 nov. 2019.

JUNIOR, João Batista Bottentuit; LISBOA, Eliana Santana; COUTINHO, Clara Pereira. **O infográfico e as suas potencialidades educacionais.** In: ENCONTRO NACIONAL DE HIPERTEXTO E TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS, 4., 2011, Sorocaba. Disponível em: [https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/14858/1/48\\_JoaoBatista2.pdf?fbclid=IwAR21UFFji5nNAL3avaQJiTnw-zBPTHzZdO\\_NP62YdrGBHgU7z6pTBjNY7lc](https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/14858/1/48_JoaoBatista2.pdf?fbclid=IwAR21UFFji5nNAL3avaQJiTnw-zBPTHzZdO_NP62YdrGBHgU7z6pTBjNY7lc). Acesso em: 23 nov. 2019.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **The Elements of Journalism: what newspeople should know and the public should expect.** Nova York: Three Rivers Press, 2014. *E-book*.

LANDOW, George. **Hypertext: the convergence of contemporary critical theory and technology.** Baltimore: The Johns Hopkins, 1992.

LEVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência.** Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

LÜCKMAN, Ana Paula; FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira. Contexto e contextualização no Jornalismo: uma proposta conceitual. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 14, n. 2, jul-dez de 2017. Acesso em: 20 nov. 2019.

MEDITSCH, Eduardo. O jornalismo é uma forma de conhecimento? **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 21, n. 1, p. 25-38, jan-jun, 1998. Disponível em : <http://www.bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-jornalismo-conhecimento.pdf>. Acesso em: 17 set. 2019.

MIELNICZUK, Luciana. **Jornalismo na Web: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual.** 2012. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

MONTEIRO, Ricardo; QUADROS, Thiago; MAIA, Gabriel. **O que é o fenômeno El Niño e como ele afeta a vida na Terra.** Vídeo (4'3"). Jornal Nexo, 2019. Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/video/video/O-que-%C3%A9-o-fen%C3%B4meno-El-Ni%C3%B1o.-E-como-ele-afeta-a-vida-na-Terra>. Acesso em: 20 nov. 2019.

ORENSTEIN, 2018. Teste. **Quem são os vices que assumiram o poder?** Faça o teste. Jornal Nexo, 2018. Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/interativo/2018/07/31/Quem-s%C3%A3o-os-vices-que-assumiram-o-poder-Fa%C3%A7a-o-teste>. Acesso em: 18 set. 2019.

OROZCO-GÓMEZ, Guillermo. Comunicação educação e novas tecnologias: tríade do século XXI. In: CITELLI, Adílson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho (Org.). **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento.** Paulinas: São Paulo, 2011.

PALACIOS, Marcos. Memória: Jornalismo, memória e história na era digital. In: CANAVILHAS, João. (Org.). **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença.** Covilhã: Livros LabCom, 2014. p. 3-24. Disponível em: [http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/20141204-201404\\_webjornalismo\\_jcanavilhas.pdf](http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/20141204-201404_webjornalismo_jcanavilhas.pdf). Acesso em: 20 set. 2019.

PARISI, Peter. Astonishment and understanding: On the problem of explanation in journalism. **The New Jersey Journal of Communication**, v. 7, n. 1, 1999.

PARK, Robert. A notícia como forma de conhecimento: um capítulo dentro da sociologia do conhecimento. In: BERGER, Christa; MAROCCO, Beatriz. **A era glacial do jornalismo: teorias sociais da imprensa**, v. 2, Porto Alegre: Sulina, 2008.

SALAVERRÍA, Ramón. Multimedialidade: Informar para cinco sentidos. In: CANAVILHAS, João. (Org.). **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Covilhã: Livros LabCom, 2014. p. 25-52. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/268810050\\_Multimedialidade\\_informar\\_para\\_cinco\\_sentidos](https://www.researchgate.net/publication/268810050_Multimedialidade_informar_para_cinco_sentidos). Acesso em: 17 set. 2019.

SILVEIRA, Letícia Lopes da; SOUZA, Pedro Carlos Ferreira de. Experiências de Inovação no Jornalismo Digital: um estudo de caso do Jornal Nexo. **Parágrafo**, v. 5, n. 2. jul-dez 2007. Disponível em: <http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/504/524>. Acesso em: 20 nov. 2019.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2004.

WIHBEY, John. Journalists' Use of Knowledge in an Online World. **Journalism Practice**, n. 11, p. 1267-1282, 2017.